

MARIANNA GABRIELA DE BRITO

**O AMOR CONJUGAL E SUAS EXPRESSÕES: O DESENHO ANIMADO “UP –
ALTAS AVENTURAS” E O MITO DE EROS E PSIQUÊ**

Curso de Psicologia

FACHS - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Barueri

2012

MARIANNA GABRIELA DE BRITO

**O AMOR CONJUGAL E SUAS EXPRESSÕES: O DESENHO ANIMADO “UP –
ALTAS AVENTURAS” E O MITO DE EROS E PSIQÜÊ**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a. Ana Laura Schliemann

Curso de Psicologia

FACHS - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Barueri

2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais. Ao meu pai, que aprendeu a respeitar e confiar no meu trabalho e que me possibilitou a conclusão deste curso, através de diferentes investimentos: carinho, dinheiro, cuidado;

À minha mãe, que esteve sempre por perto, me acalmando quando parecia que nada daria certo e se disponibilizando a me ajudar, mesmo sem saber direito o que fazer. Obrigada pela compreensão nos momentos críticos e pelo apoio amigo;

Aos meus dois irmãos que, mesmo não fazendo parte diretamente da elaboração deste trabalho, demonstraram interesse e me motivaram a continuar;

À minha irmã, que mesmo discretamente esteve o tempo todo por perto, oferecendo ajuda e demonstrando curiosidade;

Ao meu namorado, que me ajudou o tempo todo, me ouvindo reler o trabalho diversas vezes, dando seus palpites leigos e entendendo quando eu pedia para ficar sozinha, realizando este trabalho. Obrigada.

À Laura, minha melhor amiga, presente na minha vida há muitos anos, obrigada pelo interesse que demonstrou e pela motivação que me deu, mesmo que de longe;

À Suzanna, uma grande amiga, que mesmo não tão presente, demonstrou curiosidade e interesse pelo meu trabalho;

À minha terapeuta, por ter me incentivado a falar sobre o assunto;

À minha orientadora Ana Laura, pelas supervisões, pela disponibilidade, pelo interesse e por toda a ajuda;

À professora Luísa Oliveira, que introduziu na minha vida o modo maravilhoso como Jung entendia o homem e suas relações;

À Ruana, Bianca, Jéssica, Rebeca e Bárbara, minhas amigas da faculdade que, mesmo atoladas com o TCC delas, demonstravam interesse em me ajudar e curiosidade sobre o meu trabalho.

Obrigada a todos. Saibam que, sem vocês, este trabalho não teria sido possível.

Psicologia

Marianna Gabriela de Brito: O amor conjugal e suas expressões: o desenho animado “Up – Altas Aventuras” e o mito de Eros e Psiquê, 2012

Orientador: Profª Drª. Ana Laura Schliemann

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre o amor, de acordo com a teoria da Psicologia Analítica, tendo sido para isso, estabelecida uma comparação entre o desenho animado “Up – Altas Aventuras” e mito de Eros e Psiquê. O processo de investigação desta pesquisa foi composto por um levantamento bibliográfico sobre o tema amor. Para ilustrá-lo, foi realizada a comparação entre as histórias do desenho animado e do mito. Esta comparação foi feita a partir de categorias que foram apontadas pela bibliografia e relativas aos pontos importantes e comuns nos documentos escolhidos. O desenho animado conta a aventura vivida pelo idoso Carl junto com um escoteiro-mirim, Russell, após a morte de Ellie, companheira e esposa de Carl desde que eles eram crianças. Toda a aventura está baseada em um sonho não realizado pelo casal, que consistia em uma viagem para o Paraíso das Cachoeiras, localizado na América do Sul. Já o mito conta a história de Eros, deus do amor, e Psiquê, uma princesa, que formam um casal que, dadas certas circunstâncias, deixam de viver juntos. A partir da análise das cenas e da comparação entre as histórias, foi possível perceber: como o apaixonamento se dá e como a projeção da sombra ocorre neste momento; o desenvolvimento do amor e as primeiras convivências entre os casais, com as retiradas das projeções características da paixão; o luto e sua posterior elaboração; e a realização de uma grande tarefa para recuperar o amor. Ao final do trabalho observa-se que há uma estrita relação entre elas e que a condição do amor é favorecedora para a superação pessoal, visto que tem relação com o processo de individuação.

Palavras chave: amor. “Up – Altas Aventuras”. Eros e Psiquê. Psicologia Analítica

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Amor	5
1.1.1. Sobre o amor	5
1.1.2. O funcionamento psíquico segundo a Psicologia Analítica	8
1.1.3. O amor conjugal e o funcionamento psíquico	15
2. OBJETIVO	19
3. MÉTODO.....	19
3.1. Instrumento.....	20
3.1.1. Procedimento.....	20
3.1.2. Resumo do desenho animado	21
3.1.2.1 Cenas do desenho animado	27
3.1.3. Resumo do mito.....	31
3.1.3.1. Cenas do mito.....	35
4. ANÁLISE	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Quando pensara no Trabalho de Conclusão de Curso ocorreram-me muitas idéias, mas escolhi falar sobre o amor. Sempre me interessei por este sentimento, capaz de mudar, e muito, a vida das pessoas, até às vezes drasticamente. Pensar em porque uma pessoa escolhe tal parceiro e não outro é muito intrigante para mim e daí me interessei em buscar, além do que já havia sido ensinado na faculdade, como essas relações amorosas se dão e por que.

Existem, dentro da psicologia, diferentes linhas teóricas para explicar o ser humano: a psicanálise, a psicologia analítica, a fenomenologia, a análise do comportamento, a psicologia social, entre outras. Todas elas buscam entender o modo como a mente do homem funciona, como ele se relaciona com o mundo e como ele é influenciado por este mundo. Sendo assim, seria possível escolher qualquer uma dessas linhas para discorrer sobre o amor. Escolhi a psicologia analítica, por entender que esta é a que explica o homem do modo que faz mais sentido para mim.

Apesar de o amor ser um sentimento presente sempre na vida das pessoas e pensado desde muitos e muitos anos, e apesar de todas as pessoas viverem experiências amorosas ao longo de suas vidas, entendê-lo e explicá-lo não é simples. Muitos poetas e artistas deixaram suas marcas no mundo e são famosos até os dias atuais por isso, enquanto tentavam descrever e expressar esse sentimento, o amor.

O amor envolve as pessoas de todas as idades, em diferentes fases da vida. Por isso, pode-se considerar que existem diferentes formas de amar. Por exemplo, existe o amor materno, o paterno, o filial, o conjugal, o amor puro/altruísta (ágape), o amor platônico, o amor entre pessoas, o amor à natureza, aos animais, entre outros. Dentre eles, os mais comuns estão abaixo citados.

O amor materno, como o próprio nome já diz, está relacionado ao amor que a mãe sente pelo seu filho. Ele é de enorme importância para a sobrevivência da criança, visto que é um meio de fazer com que a mãe cuide dela. Caso a mãe, no caso da espécie humana, tivesse seu filho e não o amasse, não cuidaria dele, e o deixaria abandonado. Este bebê, provavelmente, não sobreviveria, já que o bebê humano não possui habilidades desenvolvidas para, sozinho, comer, beber, andar, correr, fugir, entre outros. Pode-se afirmar que o bebê humano depende totalmente para sobreviver, de outro ser humano que cuide dele (a mãe, na maioria dos casos), por um longo período de tempo. Segundo Galiás (2005), o amor de mãe “é o amor que cuida, que nutre, que fertiliza (...).

O amor maternal exige proximidade, concretude, aconchego, carinho, proteção (...)” (p. 108).

O amor paterno tem semelhanças com o amor materno, já que o pai deveria ajudar a mãe a cuidar de sua criança para que ela cresça e sobreviva. Na nossa sociedade atual, o pai é visto como o responsável por ter uma maior responsabilidade quando se trata da imposição de limites, de regras e de ensinar o que a criança pode ou não fazer obviamente. A mãe não se ausenta dessa função, mas esta seria uma responsabilidade mais voltada para o pai na tentativa de ajudar a educar seu filho. Segundo Galiás (2005), o amor de pai é

o amor que dá e recebe os limites. Ele ensina e aprende o certo-errado, o pode-não pode, o sim bem separado do não, a lei, a ordem do pai, a separação de todos os opostos em pares. É o amor que orienta, que sustenta, provedor. É o amor que ensina e aprende a hierarquia, a obediência e o mando. É o amor que abstrai, que demarca, que defende o próprio (p. 108).

É importante comentar também que o pai passou a ter um papel mais ativo na criação de seus filhos, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho: a mulher deixa de cuidar da casa e passa a trabalhar fora. Isso faz com que os pais tenham que estar mais presentes. Segundo Hennigen (2010),

nas últimas décadas do século XX, face à entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e às lutas feministas, se demandou com mais vigor uma "recíproca" masculina: um maior vínculo dos homens com o espaço doméstico, uma posição mais ativa no cotidiano familiar e no cuidado dos filhos (p. 176).

O amor filial é considerado como uma retribuição do amor que os pais deram para aquela criança e também é de extrema importância no desenvolvimento humano. Relacionado a esse fato, podemos pensar nas situações em que os pais já envelheceram e precisam ser cuidados. Neste momento da vida, algumas coisas se invertem, e a lei dita natural (pais cuidarem dos filhos) muda. Os filhos, quando capacitados, podem cuidar de seus pais. Galiás (2005), afirma que

se para o amor de mãe o filho é especial, o “mais” alguma coisa, mais bonito ou mais qualquer outra qualidade, se para o amor de pai o filho é especial, o “mais” inteligente, capaz ou qualquer outro mais que o torna destacado dos demais, também para o filho pequeno seus pais são especiais, “a melhor mãe do mundo”, o “melhor pai do mundo”, o pai-herói (p. 109).

O amor conjugal é referente à relação entre duas pessoas que estão, geralmente, na idade adulta e que vivem um relacionamento assumido. Normalmente, existe, nesta situação, expectativas tais como: de fidelidade entre os pares, relacionado ao casamento e ao compromisso. É extremamente importante para a espécie humana essa relação, pois este sentimento possibilita a reprodução da espécie: pessoas se conhecem, passam a se amar, se unem e reproduzem. É válido ressaltar que as coisas não acontecem sempre desta maneira, nessa cronologia. Existem exceções, por exemplo, as pessoas não necessariamente se amam primeiro, para então reproduzirem. Segundo Galiás (2005), o amor conjugal

é aquela forma de amor constelada entre o eu e o outro em que a busca é da simetria, da dialética, do igual e do diferente, do que concorda e do que discorda, porém simetricamente. Ambos, eu e outro, são “do mesmo tamanho”, equivalentes em suas diferenças e semelhanças. É o amor da alteridade, onde o eu e o outro podem trocar de papéis, um pode se pôr no lugar do outro, oferecer a outra face (p. 109).

Quando pensamos neste tipo de amor, é comum confundi-lo com a paixão. Mas, na realidade, a paixão é um sentimento diferente que, na maioria das vezes, antecede o amor. Segundo Galiás (2005), “quem sabe exatamente o que é esse amor? Sabemos, porque é óbvio, vivencialmente, que a paixão, se ocorre, pode evoluir para amor” (p. 110). Ela pode ser considerada como um sentimento que faz com que um indivíduo se sinta fundido ao outro, como se em um estado simbiótico, a paixão. É vivida como uma entrega, nela o sujeito que a sente, não planejou senti-la, é independente de sua vontade, e muitas vezes irracional.

O amor platônico é aquele associado ao amor ideal, pertencente ao mundo das idéias, segundo a filosofia de Platão, filósofo grego.

O amor incondicional é denominado ágape. Nele nada é esperado em troca (não precisa haver reciprocidade) e significa o amor divino. Pode-se dizer que é o amor

presente nas entregas que as pessoas fazem ou manifestam, referentes à religião. Considerando o afirmado pelo psicólogo Ulson, verificamos que encontra-se nas raízes judaico-cristãs, na Gênese, descrita na bíblia, a criação de Adão e Eva por Deus. Eles viveram um amor divino enquanto na companhia de Deus e um amor humano quando expulsos do paraíso e obrigados a viver a vida humana terrestre, caracterizada pela dualidade.

Jesus Cristo, famoso líder religioso e figura central do cristianismo, tem sua passagem pelo mundo, descrita por seus discípulos, cheia de exemplos e mensagens que tem como ponto central o amor do tipo ágape. Nesta teoria, Jesus Cristo personifica o amor, do início ao fim de sua vida, simbolizando o sacrifício em nome deste sentimento, ele morreu na cruz para salvar a humanidade. Durante sua vida ensinou que quem ama, doa e se sacrifica pelo amado. “É o amor que transcende o indivíduo e se torna universal, arquetípico” (Ulson, 2010, p.59). O impacto de Cristo foi tão grande que, até os dias atuais, muitas pessoas são consideradas seguidoras de suas idéias e atitudes.

A teoria do Cristianismo parte da idéia de que devemos amar, inclusive, nossos inimigos e isso significa, em linguagem psicológica, que devemos aceitar nossa sombra e procurar conviver com ela. Ele ensina que, para amarmos plenamente, é preciso suspender o julgamento.

Outro tema que está, muitas vezes, relacionado ao amor, é o luto. Este é definido por um processo pelo qual a pessoa passa, que está relacionado a perda de algo ou alguém. Quando uma pessoa amada morre, por exemplo, é comum que os familiares e conhecidos passem por este momento. O luto seria o nome dado a várias reações e manifestações relacionados a esta perda. A raiva, a solidão, o estado de choque, a ansiedade e a tristeza, por exemplo, são sentimentos comuns a esta vivência. Segundo Schliemann,

a fase da expressão dos sentimentos decorrentes da perda, a qual se demonstra por choque, desejo, desorganização e organização; é a fase de aprender que a morte deve ser tornada real, a partir do que, se torna possível estabelecer novas concepções sobre o mundo, favorecendo investimentos pessoais (Oliveira e Lopes, 2008, apud, Schliemann, 2010, p. 383).

Este trabalho tem o entendimento do amor, que está presente na vida de todas as pessoas, como tema geral. Apresentará um relato sobre a teoria da Psicologia Analítica

acerca deste tema e também será realizada a comparação entre o desenho animado “Up – Altas Aventuras”, lançado em 2009 pela Disney Pixar e o mito de Eros e Psiquê, escrito por Apuleio, por volta do século II d.C.

1.1 Amor

Sabendo que o amor permeará todo esse trabalho, as próximas páginas serão dedicadas a aprofundar como este sentimento foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Abordarei os principais conceitos e aspectos da teoria da Psicologia Analítica, que embasarão este entendimento do funcionamento psíquico do ser humano.

1.1.1. Sobre o amor

Não é de hoje que o amor é um assunto intrigante e que permeia a vida do ser humano. Inúmeras pessoas já tentaram defini-lo, em diferentes épocas e diferentes formas.

Desde antes de Cristo, na Grécia Antiga, os mitos gregos, que tinham como função tentar explicar os diferentes fenômenos do mundo, já falavam sobre o amor. Como exemplos, temos a deusa Afrodite, que é a deusa do amor, da beleza e da sexualidade.

Platão, filósofo e matemático grego, escreveu uma obra denominada O Banquete (por volta de 380 a.C.) na qual criou diálogos que tinham este sentimento, o amor, como pano de fundo, com o objetivo de tentar caracterizar e definir os seus diferentes tipos.

Por volta do século XII, este sentimento era tema das Cantigas de Amor, escritas pelos trovadores - músicos, geralmente do sul da França que, com o auxílio de um instrumento, como o alaúde, criavam poesias que eram cantadas nos saraus. Estas cantigas podiam, de acordo com o tema que tratavam, ser denominadas Cantigas de Escárnio e Maldizer, Cantigas de Amigo ou Cantigas de Amor. As de amor tinham como principal tema o sofrimento de um homem por amar e não ser correspondido, uma mulher idealizada.

Apesar de sabermos que o amor é tema principal de muitas obras artísticas não quer dizer que este sentimento não tenha sofrido mudanças ao longo do tempo. Anteriormente ao amor romântico, que é a forma de amor atual, o que se tinha era o denominado amor cortês. Este nasceu no século XII, na França, com os trovadores e

tinha como característica principal perceber o ser amado (no caso a mulher) como estando em uma posição inacessível, valorizando-a. Não era amor carnal, relacionado apenas ao sexo, mas sim um sentimento superior, elevado. Segundo Haddad (2009), “toda a literatura da mística cristã aparece no discurso do amor cortês quando associado à dor, ao sofrimento e à promessa de felicidade” (Rougemont, 1988 apud Haddad, 2009, p.50). Toda essa questão do sofrimento e das frustrações que o amor cortês traz, é herdada pelo amor romântico, que nasceu na Europa, no século XVIII e tem como característica unir o amor, o casamento, a sexualidade e fazer com que o amor passe a ser visto como objetivo de vida e meio de atingir a felicidade.

No século XVI, durante o Classicismo, o famoso poeta português Camões escreveu o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver” (1595), que consta das Líricas Camonianas dedicado a esse sentimento. Neste mesmo século, por volta de 1595, o poeta e dramaturgo inglês, William Shakespeare, criou Romeu e Julieta, uma famosa história que conta uma tragédia totalmente relacionada com o amor, hoje considerada um clássico romance. As famílias, nessa história, impedem o amor do casal por discordarem entre si, levando os personagens à morte.

No século XIX surgiu o Romantismo, movimento fortemente marcado pela subjetividade, que tratava de questões relacionadas ao indivíduo, tais como amores trágicos, ideais e desejos. Em Portugal, um autor que fez parte do romantismo foi Álvares de Azevedo, que escreveu sobre amores impossíveis. No Brasil, temos o autor Machado de Assis que escreveu inúmeras obras famosas, algumas inclusive retratando o amor, como o livro “Dom Casmurro”, escrito em 1899. Neste livro, o amor é tratado de uma maneira curiosa: o autor, ao longo de toda a história, deixa o leitor com uma dúvida, relacionada a se aconteceu ou não uma traição amorosa, envolvendo os três personagens principais.

Podemos também pensar em pessoas da atualidade que tratam sobre este assunto. Como Vinícius de Moraes, poeta, compositor e dramaturgo, por exemplo. Algumas de suas obras cuidam desse tema como no caso do Soneto do Amor Total, escrito em 1951, que fala do amor por outra pessoa.

A cultura brasileira tem inúmeras músicas, poemas, histórias, livros, pinturas, e outras diferentes formas de arte, sendo criados e que carregam o amor como tema principal. Para exemplificar esse fato pode-se citar músicas da banda Legião Urbana como “Vento no Litoral”, lançada em 1991 no disco “V” e composta por Dado Villa Lobos.

Já a cultura estrangeira tem livros como “P. S. Eu te amo”, escrito por Cecelia Ahern (2004) e filmes como “O casamento do meu melhor amigo”, dirigido por Galt Niederhoffer (1997).

É interessante pensar que o amor também é, nos dias de hoje, objeto de estudo de diversas ciências, como a química, a neurologia bem como a própria psicologia. Segundo Ribeiro-Claro (2006), químico português, o amor pode ser considerado um meio de auxiliar na reprodução e conseqüente perpetuação da espécie humana, já que mantém dois humanos juntos. Defende, o autor, uma hipótese científica de que, o indivíduo por quem uma pessoa se apaixona (e que, conseqüentemente, pode vir a amar) tem quesitos que seriam complementares ao dela. Por exemplo, uma mulher, ao escolher um homem, é capaz de, através do cheiro, optar por aquele que tem um sistema imunológico complementar ao seu, o que é de grande importância para a espécie, já que é um meio de fazer com que os seres humanos tenham seu sistema interno cada vez mais forte e capaz de combater o que lhe faz mal. Mais do que disso, “as fêmeas tendem a procurar um macho que garanta o sustento dos filhos, enquanto os machos devem procurar fêmeas com boa capacidade de reprodução...” (p.49).

Falar sobre o amor sem falar sobre a paixão é bastante difícil. Ao ler notícias e artigos sobre amor, ao ouvir histórias de parentes e conhecidos, ao ler contos de fadas, entre outras situações corriqueiras, percebemos uma ligação entre o amor e a paixão. Muitas vezes, ao falar sobre o assunto, as pessoas confundem os dois conceitos. Mais do que isso, se prestarmos atenção nos relatos sobre estes sentimentos, perceberemos que, inclusive os indivíduos que o estão vivenciando, não os nomeiam corretamente: dizem estar amando quando estão apaixonados, e afirmam estar apaixonados quando estão amando. Essa troca de conceitos, provavelmente, tem relação com o fato de que, na maioria das vezes (mais especificamente em relacionamentos conjugais), a atração que acontece entre duas pessoas, resulta, primeiramente, em paixão, para depois se tornar amor. É como se um viesse depois do outro. Assim, o amor decorre da paixão. É como se o amor fosse a evolução do primeiro sentimento. Os indivíduos, não percebendo tal alteração, usam os dois nomes para titular diferentes conceitos.

A paixão é um sentimento que toma o indivíduo, que o fundi ao outro. Podemos afirmar até que, quando um sujeito é tomado por este sentimento, ele perde a capacidade que possui de discriminação da sua própria identidade (em virtude dessa fusão ao outro). A psicóloga junguiana Cláudia Gadotti (2010) afirma que estar apaixonado é um “estado

patológico de desestruturação” (p. 46). É um estado de simbiose, gerada por uma atração intensa que ocorre entre dois indivíduos.

Sendo assim, pode-se afirmar que o sentimento amor envolve, na maioria das vezes, outras questões: paixão, família, traição, luto, morte, entre outros. Porém, neste trabalho, usarei o amor como aspecto principal. Mas vale ressaltar que, apesar disso, outros temas acabarão sendo abordados.

1.1.2. O funcionamento psíquico segundo a Psicologia Analítica

Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, foi discípulo de Freud por nove anos aproximadamente e é hoje conhecido por ter sido o fundador da Psicologia Analítica. Jung, baseado em suas experiências e no que tinha aprendido com Freud, foi desenvolvendo uma linha de pensamento para entender a subjetividade humana, que é hoje bastante conhecida e seguida por muitos psicólogos. Inclusive, existem vários pensadores que vieram depois de Jung e deram (e ainda dão) continuidade ao seu trabalho: são os chamados neo-junguianos. Apesar de, em um determinado momento de sua vida, Jung ter dito “em minha experiência médica, bem como em minha própria vida, enfrentei mais de uma vez o mistério do amor, e jamais fui capaz de explicar o que ele é” (Jung, apud Dourley, 1995, p.35), abriu espaço e condições para que o tema pudesse ser amplamente discutido. Mas, para se aprofundar nesse tema, será realizado, primeiramente, uma breve descrição dos conceitos que Jung criou para explicar o aparelho psíquico e o seu funcionamento.

Este psiquiatra entendia o homem como um ser possuidor de uma psique, que se divide em consciência, inconsciente pessoal (sombra) e inconsciente coletivo. Essas estruturas formam um sistema dinâmico, movimentado por um grande fluxo de energia, que está constantemente em movimento e funciona através da lei das compensações dos opostos. É essa tensão entre os opostos que dá vida para a psique, mantendo-a em movimento. A compensação entre os opostos é também, o princípio fundamental para o surgimento da consciência. Por exemplo, se uma determinada função está consciente em um indivíduo, podemos afirmar que o oposto dela está localizada no seu inconsciente (sombra) e que isso gera uma tensão, chamada tensão entre opostos.

Esta tensão é vivida pelo indivíduo como um conflito e pode aparecer na forma de símbolos e sonhos, por exemplo. Isso acontece para que o sujeito se conscientize desta

função que está inconsciente. A esse fenômeno, Jung deu o nome de **auto-regulação**. A função compensatória, portanto, refere-se à capacidade que a psique tem de auto-regulação. Esta função só pode ser entendida a partir do momento que entendemos a psique como uma totalidade, que busca um equilíbrio, busca pela integração.

De acordo com a teoria de Jung, na primeira fase da vida de um ser humano, a psique pode ser caracterizada como uma totalidade indiscriminada, indiferenciada, com um potencial de desenvolvimento, ou seja, o ser humano, quando pequeno, é totalmente inconsciente. Com o passar do tempo, a consciência vai, aos poucos, surgindo. Jung cita duas imagens para exemplificar este surgimento:

- o inconsciente pode ser entendido como um imenso mar e a consciência como pequenas ilhas que vão, aos poucos, emergindo, sendo que esse processo não é contínuo. Ele contém idas e vindas, como as ondas do mar. Ou seja, as pequenas ilhas de consciência vão sendo banhadas pelo inconsciente, até se solidificarem (Silveira, 2007, p. 63);

- a consciência é como “luzes isoladas ou objetos iluminados dentro da noite imensa” (C.G.Jung, 1986, p.340).

A **consciência** é aquilo que sabemos sobre nós mesmos, é aquilo que nos é conhecido. O centro da consciência é o **ego**, que é onde os conteúdos conscientes se relacionam: para um conteúdo ser consciente, ele tem que se relacionar com o ego. Além disso, agrega inúmeros elementos (complexo do ego), que formam uma unidade coerente, que dá identidade para o sujeito. Para Stein (2006), “o termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma com um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação” (p.23), ou melhor, o ego é aquele que realiza os atos conscientes. Ele cresce através das relações que o sujeito vai, no decorrer da vida, tendo com o mundo. Segundo Moreira (2010), “o ego é entendido como sujeito da consciência e constituído parcialmente por disposições herdadas, ou seja, constituintes do caráter, e parcialmente por impressões adquiridas inconscientemente” (Sharp, 1993 apud Moreira, 2010, p. 51).

Já o **inconsciente**, é dividido em pessoal e coletivo e tem como característica possuir elementos que desconhecemos, que ignoramos. O **inconsciente pessoal** possui uma fronteira estreita com a consciência, mas não faz parte dela e, portanto, os elementos que lá estão não possuem relação com o ego, são elementos que ainda não amadureceram o suficiente para a consciência. Estes elementos estão relacionados com as experiências individuais de cada indivíduo. Apesar disso, costumam influenciar os

processos conscientes (podem até mesmo causar distúrbios). Os elementos que constituem esta instância podem ser: elementos que não possuem energia suficiente para atingir a consciência, acontecimentos que ocorrem no decorrer da vida e estão perdidos na memória, os complexos, entre outros. Os **complexos** são conglomerados de idéias (situações, lembranças, imagens) carregadas de cargas emocionais. Possuem, sempre, um componente arquetípico. Possuem força e existência autônoma. Segundo Silveira (2007), os complexos

compõem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Formam-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma. Segundo a força de sua carga energética, o complexo torna-se um ímã para todo fenômeno psíquico que ocorra ao alcance de seu campo de atração (p.30).

A carga emocional, ou a emoção, pode ser entendida como uma energia psíquica que mantém os elementos do complexo no lugar. É o chamado “elemento aglutinante” (Stein, 2006, p.55).

Ainda sobre os complexos, é importante dizer que eles são originados por traumas. Segundo Stein (2006),

Antes do trauma, a peça arquetípica existe como imagem e força motivadora (...). O trauma cria uma imagem mnêmica emocionalmente carregada que se associa a uma imagem arquetípica e, juntas, essas congelam numa estrutura mais ou menos permanente. Essa estrutura contém uma quantidade específica de energia e pode com esta ligar-se a outras imagens associadas para criar uma rede. Assim, um complexo é enriquecido e ampliado por experiências posteriores de uma espécie semelhante. (p.56)

Já o **arquétipo**, segundo Silveira (2007), é como “um nódulo de energia psíquica” (p. 69), que serve como potencial para a formação de imagens arquetípicas. Essas imagens aparecem, por exemplo, nos sonhos. Pode-se afirmar que arquétipo é uma fonte de energia hereditária, que permite a representação de imagens similares entre os indivíduos, ou melhor, segundo Stein (2006), o arquétipo é “um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares” (p. 205).

Para Aufranc (2006), “os arquétipos são centros neuropsíquicos que têm a capacidade de iniciar, controlar e mediar os comportamentos característicos comuns e as experiências típicas de todos os seres humanos” (p. 09). Ao entendê-los como probabilidades, podemos estabelecer entre eles e a consciência uma importante relação: durante o desenvolvimento desta instância psíquica (consciência), algumas dessas probabilidades (arquétipos) vão se definindo, enquanto outras vão se formando no inconsciente.

É possível fazer uma correlação entre emoção e arquétipo. A emoção é quem dá a qualidade numinosa ao arquétipo, ela que dá sua força, sua energia. Para Jung, as emoções são como uma penúltima camada, antes de se atingir o inconsciente coletivo e elas são de extrema importância, porque através dos laços emocionais o convívio com o outro é possibilitado. Esse convívio é muito importante para que um dos objetivos da vida seja atingido, o processo de individuação (por meio da relação com o outro, há a humanização dos arquétipos, possibilitando um maior contato entre consciência e inconsciente), que será melhor explicado mais adiante. Nas palavras de Jung, o arquétipo é “um pedaço de vida, uma imagem que se conecta ao indivíduo vivo através da ponte das emoções (...) o arquétipo é ambas as coisas: uma imagem e uma emoção” (Jung, 2000 apud Lira, 2005, p.51).

Os arquétipos estão localizados no **inconsciente coletivo**, que é o nome dado à região mais profunda e desconhecida da psique. É comum a todos os seres humanos. Segundo Henderson (2008), o “inconsciente coletivo (...) é a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade” (p.138). Em seu centro está o **self** (si mesmo), centro de toda a psique. É, segundo Magalhães e Serbena (2011), “lugar central da personalidade, relaciona-se e ordena todas as coisas e, ao mesmo tempo, é uma fonte de energia que se manifesta no ímpeto da própria individuação” (p. 09). Seus conteúdos, diferentemente dos conteúdos do inconsciente pessoal, são impessoais, ou seja, não dependem das experiências individuais do indivíduo. Eles são, na realidade, aspectos comuns a todos: os arquétipos e os instintos.

É importante dizer que a psique vai se desenvolvendo e se modificando ao longo da vida. Como já foi dito, ela está sempre em movimento. Sendo assim, durante o decorrer dos primeiros anos de vida, na psique ocorrem vários acontecimentos e, alguns deles são: a consciência e o ego começam a se estruturar, estruturando, ao mesmo tempo, o inconsciente pessoal (conforme a consciência vai se desenvolvendo, o que não faz parte dela vai sendo reprimido no inconsciente pessoal), o principal par de opostos é formado

(consciência X inconsciente), a persona começa a se formar (dando origem assim, à sombra, que é seu oposto), a libido é voltada para o externo (está em progressão), entre outros.

Existem alguns mecanismos que auxiliam no funcionamento da psique. Um deles, o mecanismo de compensação, possibilita a **auto-regulação**. Este mecanismo atua toda vez que há um desequilíbrio na psique e, mais do que isso, é o responsável pela geração de sonhos e símbolos. Isso acontece porque todo ser humano tem em si um impulso no sentido da consciência, de conhecer-se, ou seja, a psique se endereça para a totalidade, que implica no processo de individuação. Sendo assim, é certo afirmar que cada indivíduo tem, dentro de si, uma força que vai em direção ao tornar-se ele mesmo. Podemos dizer que a psique quer se conhecer (trazer para a consciência algo que está inconsciente).

Existe, no funcionamento psíquico, um importante processo que precisa ser aqui ressaltado. Ele é conhecido como **processo de individuação**. Ele é natural para todos os seres humanos e não pretende fazer com que todos os conteúdos inconscientes se tornem conscientes em um determinado momento da vida (fato que seria impossível dada a magnitude do inconsciente coletivo), diferentemente do que é pensado comumente. Na realidade, ele visa estabelecer um diálogo entre consciência e inconsciente. Segundo Silveira (2007), “é a tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas” (p. 77 e 78). Ele pode ser descrito nos sonhos, nos contos de fadas, nos mitos, ou melhor, nos diversos meios que o inconsciente produz, inclusive nos desenhos animados.

Jung (1991) afirma que “individuação é o processo de formação e particularização do ser individual [...] processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual” (1991 apud Moreira, 2010, p.51). Este processo é regido pelo arquétipo central, o Self. Segundo Moreira (2010), uma das tarefas deste arquétipo é “diferenciar o ego dos complexos, no inconsciente pessoal, especialmente a persona, a sombra e a anima/animus” (p. 52), que são conceitos criados por Jung para delimitar determinados aspectos da psique.

A **persona** e a **sombra** têm suas raízes em seus respectivos arquétipos (da conformidade e do inimigo, respectivamente). **Persona** é a aparência artificial assumida pelo indivíduo para apresentar-se à sociedade e que esconde suas características consideradas desagradáveis. É um mecanismo da psique responsável por fazer com que

haja uma adaptação por parte do indivíduo ao mundo social. A **sombra** é constituída por todos os comportamentos rejeitados (que trazem sentimento de inferioridade) e que passam a constituir o inconsciente pessoal. Os conteúdos que são reprimidos e que não são integrados (não são aceitos pelo ego), pertencem ao indivíduo, mas que não participam de sua vida consciente.

A estruturação da persona e da sombra ocorrem durante a primeira metade da vida. Para entender o surgimento destas instâncias, é necessário relembrar brevemente o começo do desenvolvimento psíquico do homem: ao nascer, o homem só possui inconsciente coletivo (onde estão presentes todas as possibilidades humanas). Aos poucos, a consciência começa a se estruturar e a formar o seu oposto (inconsciente pessoal). A partir daí, há um distanciamento do inconsciente e o homem vai polarizando o mundo e se posicionando. É neste momento que a persona começa a se estruturar, se identificando com determinados conteúdos (normalmente, os bem aceitos pela sociedade). Como, para Jung, na psique tudo tem o seu oposto, com o surgimento da persona, a sombra, seu oposto, começa a se constituir.

Anima e animus são estruturas da psique de grande importância, principalmente quando se quer entender o amor e as suas relações amorosas. Basicamente, **anima** é uma estrutura inconsciente que representa a parte sexual feminina no homem. Jung a distinguiu como “presumivelmente, a representação psíquica da minoria de gens femininos presentes no corpo do homem” (Jung apud Silveira, 2007, p.82). Ou seja, anima é o arquétipo do feminino.

Já **animus** é denominado por Jung como representante de elementos do masculino que existem no psiquismo da mulher. Sabe-se que este é o arquétipo do masculino e que opõe-se à natureza feminina que procura, em primeiro lugar, o relacionamento afetivo. Tanto a anima quanto o animus são estruturas psíquicas arquetípicas, o que significa que são inatas e estão para além da influência do meio (família, sociedade, cultura), ou seja, não passam ou deixam de existir por causa deste. Cabe ressaltar que, tanto a anima quanto o animus só podem ser percebidos nas projeções, assim como a sombra. Para Jung (2008),

a anima (...) é igualmente uma personalidade e por isso pode ser facilmente projetada numa mulher. Em outras palavras, na medida em que a anima for inconsciente, sempre será projetada, uma vez que todo o inconsciente é projetado. A primeira portadora da imagem da alma é sempre a mãe; depois, serão as mulheres que estimularem o

sentimento do homem, quer seja no sentido positivo ou negativo (p. 73).

Do mesmo modo que a anima é projetada pelo homem nas mulheres, o animus é projetado pelas mulheres nos homens e são nessas projeções que as escolhas amorosas se dão.

Vale dizer que, segundo Dourley (1995), “Jung situa a realidade do amor no relacionamento entre o ego e o arquétipo contra-sexual interior, a anima do homem e o animus da mulher” (p. 33).

De acordo com o que afirma Ulson (2010), “o amor, pela sua universalidade e transcendência, é, sem sombra de dúvida, um fenômeno arquetípico. Portanto, a melhor forma de nos aproximarmos dele é por meio de amplificações simbólicas, encontradas em nossa cultura” (p. 59).

O **símbolo**, outra questão também bastante relevante na obra junguiana e que precisa ser considerada neste trabalho, tem, de acordo com Penna (2003), “função de síntese, união, conexão entre conteúdos conscientes e inconscientes; é o produto da tensão entre os opostos em busca de integração” (p. 02). É o símbolo que possibilita a ampliação da consciência, visto que é através dele que conteúdos inconscientes se tornam conscientes.

Sendo assim, é certo afirmar que os símbolos possuem uma estreita relação com o processo de individuação, já que este tem como objetivo a

ampliação da consciência através da integração de conteúdos inconscientes na consciência (...). É o processo através do qual o indivíduo, ao longo da vida, vai se aproximando cada vez mais daquilo que de fato ele é (Penna, 2004, p.15).

É certo afirmar que a expressão simbólica do inconsciente pessoal se dá através de sonhos, atos falhos, entre outros, e que a expressão simbólica do inconsciente coletivo se dá através dos mitos, contos de fada e religião.

Segundo Aufranc (2006),

Os símbolos (...) devem ser compreendidos como a expressão de algo totalmente novo para a consciência. Os arquétipos, por meio dos símbolos, se expressam na polaridade psíquica no indivíduo como imagens oníricas, fantasias, projeções, transferências ou sintomas psíquicos e, coletivamente, nos mitos, nas lendas, nas religiões ou na arte. Já na polaridade biológica, os símbolos se manifestam nas vivências corporais ou nos sintomas físicos (p. 09).

A partir destas considerações a respeito da obra de Jung, será realizada uma relação entre o sentimento amor, mais especificamente o amor conjugal, e o funcionamento psíquico.

1.1.3. O amor conjugal e o funcionamento psíquico

O amor conjugal que deveria ocorrer entre pessoas adultas, pode começar com a paixão, que é um sentimento que está, quase sempre, relacionado a este amor.

Jung (1986) falou a respeito dos pares opostos Amor-Ódio e Amor-Poder onde o primeiro par é mais facilmente percebido nas pessoas e o segundo mais sutil. Afirmou que ama mais verdadeiramente aquele que está livre de complexos, que o amor evolui e amadurece e, portanto, pode ser aprendido e desenvolvido do nascimento à morte e que amamos de acordo com o nosso grau de consciência, pois o amor varia de acordo com o arquétipo constelado no indivíduo.

Este sentimento pode ser definido da seguinte forma, de acordo com Moreira (2010),

o amor é sentimento humano, demasiado humano, e se manifesta de muitas e variadas formas, não conhecendo limite ou barreira, seja de raça, social, seja até mesmo de gênero. É uma das experiências mais avassaladoras de que o ser humano se vê dominado, capaz tanto de levar ao paraíso, à harmonia e à tranquilidade para que se estruture uma existência equilibrada, como também, e inversamente, aos conflitos e às inquietações, quando em desacordo com o seu processo de individuação. Essa situação acarreta dores e sofrimento não só aos envolvidos, mas também aos que estão ao seu redor (p. 55).

O amor conjugal, diferentemente das outras relações amorosas, funciona de maneira simétrica. Não é como numa relação amorosa de mãe para filho, por exemplo,

em que um dos lados doa enquanto o outro apenas recebe, passivamente. A relação conjugal

é aquela forma de amor constelada entre o eu e o outro em que a busca é da simetria, da dialética, do igual e do diferente. Do que concorda e do que discorda, porém simetricamente. Ambos, eu e outro, são 'do mesmo tamanho', equivalentes em suas diferenças e semelhanças. É o amor de alteridade, onde o eu e o outro podem trocar papéis, um pode se pôr no lugar do outro, oferecer a outra face (Galiás, 2005, p. 109).

Quando esta relação influencia de maneira positiva o processo de individuação e de crescimento interior para os dois envolvidos, significa que há “a realização de muitos dos potenciais que ambos possuem” (Vargas, 2005, p.119).

Há, também, que se considerar o conceito de amor romântico estabelecido pela sociedade ocidental atual, segundo o qual, de acordo com Moreira (2010) é considerado objetivo de vida e realização pessoal. Mais do que isso, é considerado a “única forma válida de relacionamento, surgindo como tema universal” (p. 51). É muito comum que uma mulher, por exemplo, cresça pensando que, no futuro, encontrará o homem de seus sonhos, se casará com ele e terá seus próprios filhos. É como se, ao pensar em crescer, casar já estivesse embutido. Segundo este autor (2010), há uma confusão entre estar vivo e “crescer, se apaixonar, casar, ter filhos e netos e envelhecer cercado por sua família, numa linearidade de romances açucarados que povoam o imaginário coletivo” (p. 49).

O encontro entre duas pessoas, que pode ou não culminar em paixão ou amor, é muito importante e esse encontro pode ser pensado como

uma vivência de alteridade, (onde) cada uma é símbolo de transformação para outra [...] onde um está presente como símbolo de individuação para o outro, na busca da identidade profunda de cada um (Albuquerque, 1989 apud Moreira, 2010, p.50).

O amor pode ser percebido como o desenrolar de um sentimento, que teve início com a paixão. Segundo Galiás (2005),

a paixão, essa espécie de loucura lúcida, que de lucidez tem pouco, ou de loucura divina, que de divino tem muito, tem que se modificar, transformando-se ou não em amor (p. 110).

O amor pode ser diferenciado da paixão, segundo Byington (2010), da seguinte maneira: em uma relação amorosa, o ego tem capacidade de interagir com as polaridades (anima e animus) e com a sombra de maneira dialética. Neste caso, o ego elabora os símbolos da sombra antes de elaborar os símbolos da anima e do animus. Já a paixão, é intensamente simbiótica e ocorre uma grande fusão com o outro. Devido a essa condição, o ego não consegue perceber a atuação da sombra e do outro. Então, esta instância se torna incapaz de primeiro elaborar os símbolos da sombra e depois os dos dois arquétipos. Ele faz o contrário. Segundo este autor (2010)

Somente durante o relacionamento íntimo e diário é que têm início a diferenciação do casal e a percepção de quem é quem, até mesmo a identidade da sombra. É essa diferenciação da simbiose que leva frequentemente à desilusão da paixão (p. 37).

Então, para que seja possível atravessar este momento de desilusão e manter o relacionamento, é necessário que cada um dos envolvidos consiga reconhecer e elaborar a própria sombra e entender e identificar a sombra do outro, evitando a projeção no outro de conteúdos próprios.

Também é válido dizer que a paixão pode ser considerada “o enamoramento não consciente de si por si mesmo, uma vez que retrata um fenômeno de deposição maciça de si sobre o outro” (Alvarenga, 2010, p. 15).

Assim como o amor de mãe está baseado no arquétipo da grande mãe, o amor conjugal está relacionado aos arquétipos da anima (no homem) e do animus (na mulher). Eles promovem a busca pela identidade profunda e possibilitam o contato entre o eu e o inconsciente. Tal fato confirma que, ao estar numa relação amorosa, há projeções feitas sobre o outro (paixão). É a retirada dessas projeções (amor), que possibilitam um maior contato entre o eu e o inconsciente (a sombra), porque, com o passar do tempo e com o desenrolar do relacionamento, o casal vai tendo que lidar com as situações e frustrações que surgem. Há a necessidade de

após a paixão, cada um se desvencilhar não do outro concreto, mas 'da gente', ou seja, da própria sombra. Nossa sombra, na paixão, está misturada ao outro. E às vezes nossa sombra contém também qualidades nossas, não só defeitos, mas qualidades que também projetamos no outro porque poderiam nos trazer uma enorme responsabilidade (...). Quando a paixão se vai, voltamos a colocar os pés no chão, voltamos a ser meramente humanos (Galiás, 2005, p.111).

É necessário pensar no que ensina Alvarenga (2010): é possível considerar quatro propósitos para a paixão, como se fossem quatro motivos que explicariam o porquê deste sentimento existir:

- o primeiro propósito é o biológico, que visa a perpetuação da espécie humana.
- o segundo é o propósito relacional de caráter psicodinâmico, que gera interação entre as pessoas e viabiliza a comunicação e a linguagem. Está relacionado à questão sociocultural. Segundo Alvarenga (2010)

o apaixonamento confere à psique global a condição de aceitação do outro, diferente de si, desconhecido para si, com quem se concebe um terceiro, prolongamento de si, e que, em última instância, são realidades de si mesmo (p. 15).

- o terceiro propósito é o espiritual, que dá condição para o cumprimento do processo de individuação. Tem um sentido de religar o si com o si mesmo
- e o quarto propósito é o cósmico, em que se busca o ilimitado, o ser na totalidade.

2. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o amor, tendo sido para isso estabelecida uma comparação entre o filme “Up- Altas aventuras” (2009) e o mito de Eros e Psiquê (2011).

3. MÉTODO

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa e documental. Qualitativa porque busca entender o amor, que é um sentimento que não pode ser quantificado. De acordo com Brêtas (Minayo, 1999 apud Brêtas, 2000), para uma pesquisa ser de abordagem qualitativa, ela deve ser

representada por estudos que buscam compreender questões da realidade que não podem ser quantificadas, ou seja, aqueles que trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 83).

É uma pesquisa denominada documental porque a coleta de dados é restrita a documentos, tanto escritos quanto não escritos, formando o que se chama de fontes primárias, que podem ser recolhidas logo após o fato ter acontecido ou depois (Lakatos e Marconi, 2002).

O processo de investigação desta pesquisa foi composto por um levantamento bibliográfico sobre o tema amor. Para ilustrá-lo, foi realizada a comparação entre o desenho animado relacionado ao tema, “Up – Altas Aventuras” e o mito de Eros e Psiquê. Sendo assim, houve, além do levantamento bibliográfico, uma seleção e análise de algumas cenas do desenho animado, “Up – Altas Aventuras” e do mito, Eros e Psiquê, com uma posterior comparação entre ambos.

A princípio, seria apenas realizada uma análise do desenho animado, como o foco no tema amor, a partir do levantamento bibliográfico. Porém, ao longo do levantamento, deparei-me algumas vezes com discussões e citações de vários autores junguianos a respeito do mito de Eros e Psiquê. Então, após refletir sobre ele, resolvi incorporá-lo ao trabalho, realizando a comparação que se seguirá entre ambos.

Finalizada essa etapa, foi realizada a análise de dados, que relacionam as cenas selecionadas, tanto do filme quanto do mito, com o material bibliográfico selecionado através de um levantamento bibliográfico sobre o amor, principalmente, mas também sobre a paixão e o luto. O referencial teórico para esse entendimento foi a Psicologia Analítica já descrita na revisão bibliográfica.

O filme “Up – Altas Aventuras” e o mito de Eros e Psiquê foram escolhidos porque trazem como desencadeante de toda sua história uma relação amorosa conjugal. Assim, os sujeitos da pesquisa foram tanto Carl e Ellie quanto Eros e Psiquê, já que são os personagens que caracterizam o casal principal do filme e do mito, respectivamente.

3.1. Instrumento

Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados como instrumentos de pesquisa o desenho animado “Up- Altas Aventuras”, dirigido por Pete Docter e produzido por Jonas Rivera e Bob Peterson, filmado nos Estados Unidos em 2009 e o mito Eros e Psiquê, escrito por Apuleio, que consta do livro “O asno de ouro”, por volta do século II d.C. Porém, para realizar este trabalho, além do livro acessado via internet “O conto de Amor e Psique – de As metamorfoses ou O asno de ouro”, foi utilizado o mito descrito em “Mitologia: lendas”, do autor Salvador Nogueira, publicado em 2011, como meio de complementação.

Os personagens principais do filme são: Carl Fredricksen, Ellie, Russell e Charles Muntz, enquanto os do mito são: Eros, Psiquê e Afrodite.

3.1.1. Procedimento

O filme foi assistido oito vezes e o mito lido três vezes. A partir daí, foram selecionadas algumas cenas importantes para o estudo do tema amor e consideradas significativas para que pudesse ser realizada a comparação entre ambas as histórias e feita a posterior análise. O resumo do filme e do mito foram feitos para que pudesse ficar claro para o leitor toda a narrativa e para que a comparação e a análise pudessem ser mais facilmente acompanhadas no espaço de discussão de dados.

Primeiramente então, será apresentado um resumo do filme e um resumo do mito. Em seguida, serão apresentadas as cenas que foram selecionadas, tanto do desenho

quanto do mito, para que a comparação entre ambos e a análise desta, possa ser realizada com maior clareza e coerência.

A análise foi feita a partir das comparações entre cenas do desenho “Up – Altas Aventuras” e do mito de Eros e Psiquê, realizadas com base nas semelhanças encontradas nas histórias. Estas semelhanças serão aqui consideradas como categorias, para ficar melhor esquematizadas e essas categorias são relacionadas à história que o filme e o mito contam.

As categorias definidas para a análise são as seguintes: a) o apaixonamento do casal principal do filme e do mito; b) desenvolvimento do amor e as primeiras convivências; c) situação que impede o convívio deste casal, gerando sofrimento e; d) necessidade de realização de uma grande tarefa para recuperação deste amor. Elas foram elaboradas de acordo com o que foi verificado no levantamento bibliográfico e, sendo assim, podemos sintetizá-las. A primeira categoria aponta como o momento em que as projeções da sombra do casal principal do filme estão ocorrendo, ou seja, o momento em que a paixão está acontecendo. A segunda categoria carrega as questões relacionadas ao momento em que as projeções caem, desencadeando em amor, sendo este sentimento entendido como o desenrolar da paixão. A terceira categoria diz respeito ao momento em que ocorre o luto, como sentimento decorrente da perda/separação de uma pessoa amada. Já a quarta e última categoria diz respeito ao momento em que o luto é elaborado, durante a realização de uma grande tarefa.

Ao longo do trabalho, estas comparações serão retomadas, abordadas e analisadas mais detalhadamente.

3.1.2. Resumo do desenho animado

O filme “Up – Altas Aventuras” retrata a história de um casal, Carl Fredericksen e Ellie, a partir do dia em que se conheceram, ainda crianças (Figura 1). Em um de seus primeiros encontros, eles descobriram algo em comum: um ídolo, o explorador Charles Muntz, que era bastante famoso na época por encontrar animais e plantas diversos e, em sua maioria, desconhecidos em uma região da Venezuela, chamada O Paraíso das Cachoeiras.

Carl, quando criança, é um menino quieto e tímido, porém bastante criativo. Tem Charles Muntz (Figura 2) como ídolo e inclusive, quando criança, se veste como ele. Ao

longo do filme, Carl cresce. Quando idoso, se torna uma pessoa bastante introspectiva e mal-humorada. Não fala muito. Usa gravata borboleta, paletó e uma bengala. Tem cabelos brancos e continua usando óculos.

Figura 1 – Momento em que Carl e Ellie se conhecem



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Ellie, quando menina, é bastante extrovertida e animada. Quando envelhece, usa o cabelo preso e óculos. Está sempre bem arrumada, de vestido. É interessante notar as muitas diferenças entre os dois personagens principais – Carl e Ellie. Podemos perceber que um é praticamente o oposto do outro.

Charles Muntz, que já é adulto enquanto o casal principal ainda é criança, demonstra ser um homem ambicioso e pronto para cumprir com seus objetivos.

Já o jovem Russell veste, durante todo o filme, seu uniforme de escoteiro. Tem a personalidade mais parecida com a de Ellie: é alegre, agitado, curioso e com muita vontade de ajudar o próximo.

Figura 2 – Charles Muntz



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

No início do filme, Carl, ainda criança, assistia um filme sobre Muntz, em que é constatado que uma de suas descobertas é falsa: cientistas suspeitam de um esqueleto de um animal não identificado que o explorador diz ter encontrado. Muntz então promete capturar a sua descoberta viva, apresentá-la ao mundo científico e aos seu fãs, para

recuperar o prestígio perdido. Após assistir o filme, Carl sai brincando pela rua, imaginando ser o explorador e estando em uma de suas aventuras. Em um determinado momento, ainda na rua, ele escuta outra criança brincando, dentro de uma casa abandonada. Vai até esta casa e lá encontra Ellie, uma menina brincalhona e extrovertida. Ela se apresenta como exploradora e pergunta se Carl tem qualidades para também ser um e logo o aceita como amigo, prendendo em sua roupa, um broche seu. A partir de então, ambos se tornam amigos e se encontram algumas vezes, ficando cada vez mais nítida a diferença entre Carl, menino tímido e quieto e Ellie, menina extrovertida, animada e agitada. Em um desses encontros, Ellie leva para Carl seu livro de aventuras e, neste momento, eles descobrem o ídolo que têm em comum, Muntz, e, mais do que isso, ela o faz jurar que, algum dia, a levará ao Paraíso das Cachoeiras.

Passados alguns anos, Carl e Ellie se casam e passam a viver juntos. Compram a casa em que se conheceram, a reformam e vivem felizes por muitos anos. Em um dado momento, eles pensam em ter um filho e ela engravida, mas perde o bebê, deixando o casal bastante triste. Para tentar ajudar Ellie a se recuperar, Carl a lembra da viagem ao Paraíso das Cachoeiras e eles começam a economizar dinheiro para poder realizar a aventura. Porém, sempre ocorre uma eventualidade na vida deles que faz com que o dinheiro economizado seja gasto com outra coisa necessidade.

O tempo passa, eles envelhecem (Figura 3) e, quando idosos, Carl relembra a promessa que fez para Ellie ainda quando crianças e então decide ir até uma loja e comprar as passagens para ir para Venezuela. Mas, antes de conseguirem realizar a viagem, Ellie falece.

Carl, então, agora, sem sua amada, passa a viver sozinho dentro da casa que antes fora dos dois. Torna-se solitário e rabugento.

Figura 3 – Carl e Ellie idosos



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Ao redor desta casa, está sendo construído algo bem grande, como um Shopping Center, e o dono desse empreendimento pretende comprar também a casa de Carl para abranger toda a região. Porém, ele não quer vendê-la e persiste no meio daquela obra gigantesca.

Em um determinado dia, aparece em sua porta o jovem escoteiro Russell (Figura 4), propondo ao idoso Carl que o ajude a conseguir sua última medalha para se tornar um escoteiro de outro nível, passando de pequeno para grande explorador. Para isso, o menino teria que ajudar um idoso a realizar alguma tarefa. Carl resiste bastante e, cansado do menino, inventa uma tarefa para ele realizar: capturar a ave narceja. Russell logo demonstra grande vontade em fazê-lo e sai à procura do pássaro.

Figura 4 – Russell



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

A obra que ocorre do lado de fora de sua casa acaba mudando totalmente a vida de Carl, depois que um caminhão bate e derruba a caixa de correios que um dia o casal montou juntos. O idoso, ao ver a cena, agride um dos funcionários da obra e acaba tendo como pena, ser internado em um asilo.

No dia em que os trabalhadores do asilo vão buscar o idoso, Carl os surpreende: diz que vai se despedir da casa e, rapidamente, aciona os milhares de balões coloridos que prendeu a ela, fazendo com que esta se desprenda do chão e comece a voar pelos ares, em direção ao Paraíso das Cachoeiras. Quando já está no céu, Carl escuta batidas na porta e descobre que Russell está lá, do lado de fora, correndo perigo. O idoso o põe para dentro e, a partir deste momento, os dois começam a construir uma relação de amizade que vai, aos poucos, se tornando mais e mais especial.

Com o passar do tempo, Carl vai cortando alguns balões e a casa começa a descer. Quando conseguem firmar seus pés no chão, o idoso percebe que está de frente para o local onde Ellie queria ter conhecido. Para acessar o local, é necessário dar uma

volta na montanha e eles resolvem fazê-lo, levando a casa na qual a viagem foi feita, junto com eles, estando ela amarrada a eles por um fio. A partir deste momento, tem início uma grande aventura entre os dois: o menino e o idoso.

Depois de caminharem bastante, Russell descobre uma ave imensa, que desconfia ser a narceja. Ele a apresenta a Carl, que se assusta ao vê-la, e o menino a nomeia Kevin. Russell implora a Carl e consegue fazer com que esta ave os acompanhe até o final da aventura.

Ao caminharem mais um pouco, conhecem outro animal, Dug: um cachorro que tem uma coleira que transforma seus latidos em fala humana.

Logo o cachorro conta para os dois que está em uma missão especial, em busca de um pássaro. Ao conhecer Kevin, Dug afirma que aquele era o pássaro pelo qual estava procurando e pede para levá-lo como se fosse seu prisioneiro. Carl aceita, mas Russell pede para ficar com o cachorro também. Assim, o idoso, a criança, a ave e o cachorro passam a seguir viagem em direção ao lado certo da montanha.

Neste momento, aparecem no filme outros cachorros, do mesmo proprietário e com mesma missão que Dug: a de achar o pássaro. Na coleira deles existe uma câmera e um localizador de sinal. Assim, descobrem que Dug está com o pássaro e passam a segui-lo.

Quando a noite chega, Carl e Russell têm uma conversa mais íntima, na qual o idoso descobre que o menino não é bem cuidado pela família - seus pais não são muito presentes em sua vida – e isso desperta nele um sentimento ainda maior de proteção em relação ao garoto.

Ao amanhecer, Kevin colhe algumas comidas e leva para seus filhotes. Assim que saem do acampamento, os cachorros que seguiram Dug encontram Carl e Russell e descobrem que o pássaro não está ali com eles. A matilha, então, faz com que eles os sigam até seu chefe que é imediatamente reconhecido por Carl. Trata-se de Charles Muntz, o explorador, seu ídolo desde a infância, e de Ellie também. O fã fica maravilhado e aceita o convite para jantar.

Em um determinado momento da refeição, Carl percebe que a ave que Muntz ainda procura (aquela que ele queria encontrar viva no início do filme, para fazer com que as pessoas deixassem de acreditar que suas descobertas eram falsas), é Kevin. O

explorador então percebe que Carl a conhece e fica nervoso por ele esconder seu paradeiro.

Os convidados tentam sair o mais rápido possível da presença de Muntz mas Kevin emite seu som natural do telhado da casa de Carl - que neste momento está presa por uma corda no chão do lado de fora do balão de Muntz - e o explorador percebe sua presença. O jovem e o idoso saem correndo, pegam a casa e começam a fugir, com a ajuda de Dug.

Conseguem fugir, mas Muntz os encontra e acaba caçando Kevin. Para evitar o revide de Carl, atea fogo na casa idoso que opta por salvar seu lar à ave. À revelia de Russell, Carl decide prosseguir viagem rumo ao lado desejado da montanha e não ir à procura do pássaro.

Quando finalmente chega ao seu destino, Carl coloca a casa no chão, entra em sua sala e senta-se na poltrona como costumava fazer em companhia de Ellie. Descansa um pouco e então busca pelo livro que sua amada, ainda enquanto garota, mostrou para ele: o seu livro de aventuras. Ao ver as fotografias que Ellie colou no livro, Carl descobre, diferentemente do que pensava, que ela não morreu sem ter realizado outras aventuras. Na realidade, ela considerava uma aventura ter vivido com ele. No final do livro, Ellie escreveu-lhe uma mensagem e, ao lê-la, Carl sentiu-se apto a viver sua nova vida. O idoso então resolve encontrar Russell para dizer a ele que está disposto a ir resgatar Kevin. Porém, ao sair da casa, se depara com o garoto voando em alguns de seus balões, rumo à ave. Carl então tira de dentro de sua casa todos os móveis e objetos significativos de sua história com Ellie, para deixar a casa mais leve e conseguir voar dentro dela, em busca do menino e do pássaro, levando Dug consigo.

Russell chega no dirigível que leva Charles Muntz sozinho, encontra-o, mas antes de agir, o explorador o prende em uma cadeira e o joga pelos ares. Carl vê o menino quase caindo e o salva, colocando-o dentro de sua casa. Quando tem certeza de que o menino está seguro, entra no dirigível de Charles e procura por Kevin com ajuda de Dug. Encontra a ave e a solta. Quando tenta voltar para casa, encontra Muntz e ambos dão início a uma batalha. Enquanto isso Russell faz a casa se aproximar do dirigível conseguindo colocar a ave e Dug dentro dela. Charles vê a cena e tenta invadir a casa, obtendo sucesso. Carl diz para Russell se prender a Kevin e Dug. Chama a atenção da ave, que voa em direção a ele, fazendo com que Muntz tente pegá-la, sem êxito. Nessa

tentativa o explorador cai no vão entre a casa e o dirigível, em direção ao solo, que está bem distante e morre.

Livres, Carl, Russell e Dug levam Kevin para seus filhotes e se despedem dela. Dirigem o dirigível de Muntz, para voltar para o local onde moravam antes da aventura.

A cerimônia em que Russell ganha sua última medalha, o distintivo de escoteiro, acontece mas seu pai não está lá para acompanhá-lo. No exato momento da entrega, Carl aparece e faz parte da cerimônia com o menino, fazendo com que este deixe de estar sozinho. Depois que Russell recebe a medalha, o idoso entrega para ele aquela medalha que Ellie lhe deu, na primeira vez em que se encontraram, no dia em que se conheceram, fazendo com que fique clara a grande importância que o jovem garoto passa a ter na vida do idoso.

Depois da cerimônia, Carl e Russell vão tomar sorvete sentados na calçada, algo que o menino costumava fazer com o pai, quando era mais novo e quando o pai tinha tempo para ficar com ele.

3.1.2.1 Cenas do desenho animado

a) O apaixonamento do casal

Figura 5 – Carl suspirando após despedida de Ellie



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Figura 6 – Ellie beijando Carl durante o casamento deles



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Cena 1

Ellie visita a casa de Carl, durante a noite. Chega pela janela, entra e começa a conversar com o menino. Eles montam uma cabana e Ellie conta sobre a aventura que quer viver, mostrando para Carl o seu livro de aventuras. Passado um tempo, Ellie vai embora pela mesma janela que entrou. Depois que ela se vai, o menino se debruça no parapeito desta janela e suspira (Figura 5), demonstrando sentir algo bom quando está com Ellie.

Logo em seguida, tem início a cena que retrata o casamento do casal. Após ter se casado com Carl, ainda na igreja, Ellie o beija (Figura 6). A grande família da garota aplaude e demonstra felicidade, com pulos e bastante agitação, enquanto a de Carl, que é pequena, aplaude lentamente e sem demonstrar muita emoção.

b) desenvolvimento do amor e as primeiras convivências

Figura 7 – Carl e Ellie no parque, brincando com as nuvens



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Cena 2

Depois de comprar a casa onde se conheceram e reformá-la juntos, Carl e Ellie vão a um parque fazer piquenique. Neste momento, começam a conversar e a brincar enxergando nas nuvens animais (Figura 7).

Em seguida, é apresentado o local de trabalho do casal: trabalham juntos, no que parece ser um zoológico. Lá, cada um realizando uma função: Ellie trabalha diretamente com animais e Carl trabalha vendendo balões.

c) Situação que impede o convívio do casal, gerando sofrimento

Figura 8 – Carl sentado na porta da igreja após falecimento de Ellie



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Cena 3

O casal vai, mais uma vez, fazer um piquenique no parque e Ellie, já idosa, cai ao subir em direção ao local onde costumava deitar na grama com Carl. Vai para o hospital e seu marido vai visitá-la. Quando ele chega, ela lhe entrega seu livro de aventuras, seu último ato em vida. Carl, em seguida, aparece sentado na igreja em que se casou com sua amada, segurando um balão (Figura 8). Um tempo depois, volta para sua casa.

Cena 4

No dia seguinte ao da morte de Ellie, o despertador de Carl toca às seis horas da manhã. Ele desperta, põe seus óculos, e fica claro o espaço vazio na cama onde Ellie costumava dormir. O idoso se levanta, veste os sapatos, pega sua bengala e desce as escadas. Toma café da manhã sozinho, de frente para uma cadeira vazia. Limpa a casa e segue sua rotina, deixando tudo como Ellie costumava deixar.

d) necessidade de realização de uma grande tarefa para recuperação deste amor

Figura 9 – Casa de Carl presa nas bexigas, voando, com Russell e Carl na janela



Fonte: Up – Altas Aventuras, 2009

Cena 5

Quando os dois funcionários do asilo vão buscar Carl em sua casa, ele pede um tempo para se despedir do lugar onde morou por muito tempo e foi feliz. Segundos depois de entrar na casa, os dois jovens funcionários vão em direção à van, comentando sobre como o jardim da casa de Carl está sujo, com galões de ar. Ao olhar para trás, percebem um grande saco se rompendo e milhares de balões coloridos começam a surgir e a puxar a casa para cima, desprendendo-a do chão. Depois de alguns minutos em que a casa já está no ar, o idoso ouve batidas na porta e vai atendê-la. Neste momento, descobre que terá a companhia de Russell durante sua viagem (Figura 9).

Cena 6

Muntz consegue capturar Kevin, ao colocar fogo na casa de Carl e fazê-lo desistir de lutar pela ave. O idoso apaga o fogo e continua andando, com as casa nas costas e com Russell o seguindo. Quando Carl finalmente chega no ponto exato do local que Ellie queria conhecer, o jovem menino diz para o idoso que não irá mais seguir viagem com ele, já que pretende salvar Kevin, e se distancia. Carl entra na casa, senta em sua poltrona, pega o livro de aventuras de Ellie e descobre o que ela tinha acrescentado ao final: momentos em que fora feliz com Carl. Então, ele percebe que Russell pegou alguns balões, prendeu-se a eles e saiu voando, com o objetivo de salvar a ave. O idoso então decide ir atrás de Russell. Para isso,

se desfaz dos móveis de dentro da sua casa, deixando-a mais leve, para poder voar dentro dela. Ao fazer isso, começa a guiar a casa em direção ao menino.

3.1.3. Resumo do mito

Este relato está baseado na história do mito contada nos livros “Mitologia: lendas”, do autor Salvador Nogueira (2011) e no livro “Conto de Amor e Psique – de As metamorfoses ou O asno de ouro”, de Apuleio (s.d.).

Psiquê (Figura 10) era a mais nova das três filhas de um rei e de uma rainha. As duas primeiras filhas eram bonitas, mas Psiquê era linda, mais bonita do que Afrodite (Figura 11), a deusa da beleza. Com o passar do tempo, ela passou a ser adorada pelos populares e os templos dedicados à deusa da beleza começaram a sumir. Afrodite, tomada pela inveja, resolveu se vingar, dizendo:

- “E essa usurpadora de meus direitos quer usufruir em paz esse triunfos? Não, não! Ela pagará caro por sua beleza insolente” (Apuleio, s.d., n.p.).

Para se vingar, então, convocou a ajuda de seu filho, Eros, deus do amor. Pediu para ele:

- “Meu filho, eu te imploro, em nome de minha ternura, pelas leves injúrias que tu fazes, pelo fogo penetrante com que consumes os corações, vingue tua mãe. Mas vinga plenamente. Que essa beleza audaciosa seja punida. É a graça que te peço e tu precisas me conceder: antes de tudo, que ela se inflame de uma paixão sem limites por alguém da escória; um miserável sem honra, saúde, chama ou casa, e que a fatalidade rebaixou ao último degrau de abjeção possível sobre a terra” (Apuleio, s.d., n.p.).

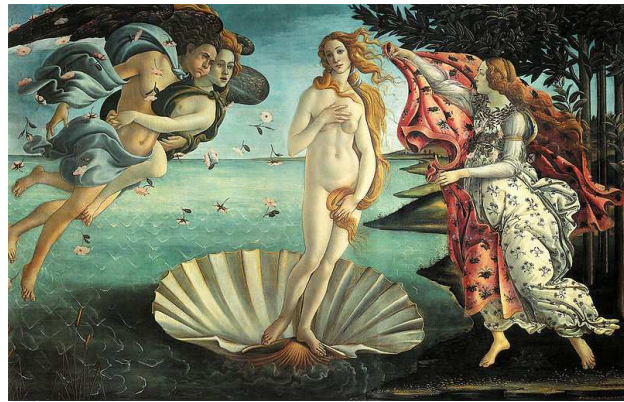
Esqueceu-se, porém, dos efeitos que Psiquê poderia causar no próprio Eros (Figura 10). Prova disso é que, assim que ele a viu pela primeira vez apaixonou-se por ela.

Figura 10 – Psiquê e Cupido



Fonte: François Gérard, 1798

Figura 11 – O nascimento de Vênus



Fonte: Sandro Botticelli, 1485

Os pais da princesa estavam preocupados com o fato dela ainda não ter se casado e, por isso, resolveram consultar o antigo oráculo do templo de Mileto. Obtiveram a seguinte resposta: deveriam vestir a filha com roupas de luto, levá-la para o cume de uma montanha e deixá-la lá. À noite, ela encontraria seu marido. E assim o fizeram, com bastante tristeza, por acreditarem que a princesa morreria. Pouco tempo depois, após seus parentes já terem ido embora, ela foi guiada, por um poder mágico, pelo sopro de Zéfiro, até uma região onde havia uma linda casa. Ela entrou e foi se deitar, até o jantar ficar pronto - recebera estas instruções de empregados invisíveis da casa, que disseram:

- “Por que esse espanto, princesa? Tudo que está vendo te pertence. Vê os leitos que te convidam ao repouso, os banheiros que podes escolher. As vozes que tu ouves são teus escravos: dispõe de nossos serviços diligentes. Um banquete real vai te ser oferecido, assim que estiveres pronta, e será servido com presteza” (Apuleio, s.d., n.p.).

Depois do jantar, foi deitar-se para dormir. Quando estava na cama, sentiu que tinha a companhia de um homem, o homem que sempre sonhara. Passou vários dias vivendo com ele, dias perfeitos, apesar de nunca ter visto o seu rosto (ele falou para ela que, se ela tentasse vê-lo, o casamento estaria arruinado).

Em um determinado dia, ela recebera deste homem a notícia de que suas irmãs iriam até a montanha, chorar sua perda, já que não sabiam que ela ainda estava viva. Psiquê então teve vontade de encontrar com suas irmãs e esclarecer o acontecido. De

início, o marido não queria que ela fosse encontrá-las. Mas ela, aos poucos, conseguiu convencê-lo do contrário. Assim, foi encontrar-se com suas irmãs. Estas estavam chorando, pois ainda acreditavam na morte de Psiquê. Ao ouvir os choros, a princesa disse:

- “Por que essa dor e esses lamentos? Eis aqui aquela por quem chorais. Parai os gemidos, secai as lágrimas. Depende somente de vós abraçar aquela que as causa” (Apuleio, s.d., n.p.).

Psiquê então chama Zéfiro e transmite-lhe a ordem do marido:

- “Bem rápido, serviçal diligente – Zéfiro, num sopro quase insensível, suspendeu as duas irmãs e as transportou para junto de Psiquê. Os abraços foram arrebatadores, os milhares de beijos dados e trocados. As lágrimas de dor foram substituídas pelas da alegria” (Apuleio, s.d., n.p.).

Psiquê então disse:

- “Vamos, entremos em minha morada: chega de tristeza, vamos nos alegrar, pois sua Psiquê foi encontrada” (Apuleio, s.d., n.p.).

Ao perceberem que a irmã mais nova estava viva e que tinha tudo o que tinha, as duas irmãs começaram a sentir inveja e ciúme. Resolveram então, tramar um plano no qual diriam que seu marido seria um monstro, uma serpente alada. E assim o fizeram na terceira visita à irmã mais nova. Disseram à Psiquê:

- “Adormeces, minha filha, numa doce quietude, feliz na ignorância e sem desconfiares do terrível destino que te ameaças, enquanto nós, com nossa solicitude, viemos te alertar sobre os perigos que corres e que são nossos verdadeiros tormentos de todas as horas. Ouve o que soubemos de fonte segura e que não podemos ocultar de ti. Uma horrível serpente com um corpo de inumeráveis dobras, o pescoço inflado de um sangue venenoso, uma boca que se abre num abismo imenso, eis o marido que todas as noites vem partilhar furtivamente o leito conjugal” (Apuleio, s.d., n.p.).

Psiquê, abalada pela dúvida incrustada em sua cabeça pelas irmãs, resolveu conhecer o rosto de seu marido. Enquanto ele dormia, acendeu uma lamparina e o viu, um belo rapaz. Logo o reconheceu e percebeu que era Eros, o deus do amor. Uma gota de óleo escorreu do objeto que o iluminava e pingou no ombro dele, acordando-o e fazendo com que ele percebesse a traição. Ele olhou para Psiquê e disse que a relação

deles havia acabado, já que teria que ir embora porque era impossível o amor existir onde não existia confiança. Eros disse:

- “Crédula Psiquê, por ti enfrentei as ordens de minha mãe. Em vez de humilhá-la, como ela queria, com uma paixão ignóbil, um casamento indigno, eu mesmo me ofereci como amante. Imprudente! Eu próprio, tão bom arqueiro, me feri com uma de minhas flechas e fiz de ti minha esposa. E tudo isso, para me ver tomado por monstro, para oferecer minha cabeça à arma homicida porque nela estão dois olhos encantados por teu charme. Fiz de tudo para manter tua prudência em alerta. Minha ternura aumentou as advertências, mas venceu a razão de tuas admiráveis conselheiras com suas funestas insinuações. Quanto a ti, é fugindo que vou punir-te” (Apuleio, s.d., n.p.).

Tempos depois, Psiquê foi até suas duas irmãs e, com ajuda de Zéfiro, pôs fim em suas vidas.

Eros, depois de deixar Psiquê, foi ao encontro de Afrodite e lhe contou toda a história. Sua mãe, irada, depois de ouvi-lo, foi procurar Psiquê, com o intuito de se vingar. Para encontrá-la, teve que pedir ajuda a Hermes. Assim que a encontrou, deu uma tarefa para a princesa: mandou-a separar os tipos de grãos e sementes que estavam empilhados: trigo, cevada, milho, grãos de papoula, ervilha, lentilha e fava. A deusa tinha como objetivo fazer desaparecer a beleza de Psiquê. Porém, inúmeras formigas se compadeceram da situação da princesa e resolveram ajudá-la. Uma formiga disse:

- “Sejam piedosas, filhas alertas da terra. Depressa, ao trabalho! Uma mulher amável, esposa do Amor, está precisando de nossos bons ofícios” (Apuleio, s.d., n.p.).

Assim, conseguiram fazer com Psiquê conseguisse terminar a tarefa no tempo estimado. Afrodite voltou a encontrá-la e propôs então outra tarefa: Psiquê tinha que encontrar uma lã preciosa, em um rebanho de ovelhas raivosas. Depois de muito pensar em como realizaria o que lhe foi mandado e já pensando em desistir da própria vida, um caniço (espécie de planta) a ajudou. Falou para ela o modo mais fácil de conseguir a lã. Ao perceber que Psiquê obtivera sucesso mais uma vez, Afrodite resolveu lançar um terceiro desafio: a princesa teria que encher um frasco com água da fonte do Stix, o que era impossível devido aos guardiões das águas que lá habitavam. Enquanto refletia sobre como conseguiria realizar o desafio, surgiu o pássaro real de Zeus, que resolveu ajudá-la, enchendo para ela o frasco. Psiquê então foi novamente ao encontro de Afrodite, que lhe lançou o último desafio. Mandou Psiquê ao inferno (mundo dos mortos) e falou para ela pedir à Perséfone, esposa de Hades, que lhe enviasse um pouco de sua beleza. Desta

vez, quem ajudou a princesa foi uma vez que surgiu das montanhas, dando pistas para ela de como seria possível realizar tal tarefa. A voz ainda deu o seguinte aviso:

- “Mas, sobre todas as coisas, não abres a caixa que te foi confiada, nem lances os olhos sobre o que ela contém. Nada de olhar curioso sobre aquele tesouro secreto da beleza divina” (Apuleio, s.d., n.p.).

Psiquê conseguiu realizar tarefa, mas, enquanto levava a beleza para Afrodite, dentro de uma caixa, não suportou a tentação e resolveu ver o que tinha lá dentro. E foi a última coisa que viu. Após abrir a caixa, viu que nada tinha lá dentro e caiu num sono profundo.

Eros, já recuperado, percebeu que sentia falta de sua esposa e resolveu procurá-la. Encontrou-a caída no chão, retirou o sono profundo de seus olhos e acordou-a. Disse:

- “Muito bem! Quer dizer, criança infeliz, que, mais uma vez, tu te perdeste pela curiosidade! Vamos, apresse-se para te livrar da missão que minha mãe lhe deu. Eu tomarei conta do resto” (Apuleio, s.d., n.p.).

Eros então explicou a Psiquê que queria voltar a morar com ela e, por isso, foi conversar com Zeus, pedindo que Psiquê se tornasse uma deusa e assim pudesse morar no Olimpo. Zeus aprovou a proposta. Afrodite, conformada com a situação, conseguiu perceber o lado positivo do que estava acontecendo: se Psiquê não era mais humana, então os humanos poderiam voltar a venerá-la como antes.

3.1.3.1. Cenas do mito

a) O apaixonamento do casal

Cena 1

Injuriada e com inveja da beleza de Psiquê, Afrodite pede para que seu filho, Eros, faça com que a princesa se apaixone pelo rapaz mais feio de todos. No momento em que ele vai executar tal missão, se apaixona pela princesa e não consegue cumprir o que foi pedido por sua mãe. Mais do que isso, resolve ficar e morar com Psiquê.

b) desenvolvimento do amor e as primeiras convivências

Cena 2

Psiquê, na primeira noite que passou na sua nova moradia, ao se deitar percebeu a presença de um homem, aquele que sempre sonhara. Passou vários dias vivendo com ele dias perfeitos, apesar de nunca ter visto o seu rosto porque ele a avisara que isso arruinaria o casamento de ambos. Ela conseguiu resistir à vontade de vê-lo por muitos e muitos dias, o que comprova o sentimento que tinha por ele: respeitava esta condição, para que pudesse ficar ao lado de seu amado.

c) *Situação que impede o convívio do casal, gerando sofrimento*

Cena 3

Movida pela dúvida de quem seria seu amado, gerada por suas irmãs invejosas, Psiquê, em uma certa noite, resolveu descobrir quem era o rapaz. Enquanto ele dormia, ela acendeu uma lamparina e o viu: um belo rapaz. Uma gota de óleo escorreu do objeto que o iluminava, e pingou no ombro dele, acordando-o e fazendo com que ele percebesse a traição.

Cena 4

Após ser acordado pelo óleo que escorreu em seu ombro, Eros olhou para Psiquê e disse que a relação deles havia acabado. Informou que era Eros, o deus do amor e que teria que ir embora porque era impossível o amor existir onde não existia confiança.

d) *necessidade de realização de uma grande tarefa para recuperação deste amor*

Cena 5

Depois de Psiquê ter descoberto quem seu amante era, Eros foi até sua mãe, Afrodite, e contou para ela toda a história: o apaixonamento, a união do casal, a

descoberta. Sua mãe, depois de ouvir, foi procurar Psiquê, com o intuito de se vingar. Assim que a encontrou, deu uma tarefa para a princesa: mandou-a separar os tipos de grãos e sementes que estavam empilhados, até o fim da tarde. A deusa tinha como objetivo fazer desaparecer a beleza de Psiquê.

Inúmeras formigas se compadeceram da situação da princesa e resolveram ajudá-la, fazendo com que ela conseguisse terminar a tarefa no tempo estimado. Afrodite voltou a encontrá-la e propôs outra tarefa: Psiquê tinha que encontrar uma lâ preciosa, em um rebanho de ovelhas raivosas. Depois de muito pensar em como realizaria o que lhe foi mandado e já pensando em desistir da própria vida, um caniço (espécie de planta) a ajudou. Falou para ela o modo mais fácil de conseguir a lâ. Ao perceber que Psiquê obtivera sucesso mais uma vez, Afrodite resolveu lançar um terceiro desafio: encher um frasco com água do Stix, tarefa que conseguiu completar devido à ajuda de um pássaro. Afrodite lançou então um último desafio: mandou Psiquê ao inferno (mundo dos mortos) e falou para ela pedir à Perséfone, esposa de Hades, que lhe enviasse um pouco de sua beleza. A princesa conseguiu fazer o que havia sido pedido devido a ajuda de uma voz vinda de uma torre, mas, enquanto levava a beleza para Afrodite, dentro de uma caixa, não suportou a tentação e resolveu ver o que tinha lá dentro. E foi a última coisa que viu. Após abrir a caixa, viu que nada tinha lá dentro e caiu num sono profundo.

Cena 6

Depois de ter se recuperado do sofrimento que Psiquê o fez passar, ao descobrir quem ele realmente era, percebeu que sentia falta da esposa e resolveu procurá-la. Encontrou-a caída no chão, retirou o sono profundo de seus olhos, acordando-a. Eros explicou a Psiquê que queria voltar a morar com ela e convenceu Zeus a torná-la uma deusa, para que pudessem morar no Olimpo. Zeus aceitou.

4. ANÁLISE

Após assistir o filme “Up – Altas Aventuras” e ler a história do mito de Eros e Psiquê tornou-se possível perceber as semelhanças entre os aspectos principais nos enredos de ambas as histórias e pensar em uma comparação posto que, segundo Jung (2008), alguns temas e motivos de mitos e lendas se repetem em todo o mundo da mesma forma, ou seja, os mitos são um dos modos que o inconsciente usa para projetar o que ocorre com a psique: é um meio de entender a natureza, a dinâmica e o funcionamento desta. Os sonhos, os atos falhos, os contos de fada e até mesmo o desenho animado escolhido neste caso, por exemplo, podem ser consideradas outras maneiras desta instância psíquica de se expressar (Silveira, 2007).

De acordo com Oliveira (2007),

os analistas junguianos tradicionalmente se dedicaram ao estudo dos contos de fadas, por considerá-los uma das formas mais puras de expressão do inconsciente coletivo. Nessas histórias, aspectos individuais e culturais foram minimizados, possibilitando uma expressão mais clara das estruturas e processos psíquicos. A idéia central é que as histórias contadas e recontadas pela humanidade ao longo do tempo perdem características regionais, até a representação tornar-se cada vez mais coletiva, sobressaindo o núcleo de significado. As necessidades humanas mais fundamentais e os mecanismos utilizados para lidar com elas são expressos de maneira simbólica, capaz de tocar a sensibilidade humana (p. 140).

O fato dos temas que os mitos apresentam se repetirem nas produções feitas pelo inconsciente, assim como em alucinações, sonhos, delírios, etc, fez com que Jung concluísse que eles têm base arquetípica. Portanto, se existe um mito que fala sobre o amor, logo podemos considerar que ele tem uma base arquetípica e, se ele tem esta base, torna-se possível encontrar este tema em outros lugares, como no desenho animado, o que é o caso deste trabalho.

Segundo Silveira (2007),

os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos. Por isso, temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e diversos (p. 114).

Sendo assim, após essas considerações, passo a comparar as cenas, tanto do desenho quanto do mito, já descritas, analisando as mesmas.

a) O apaixonamento do casal

Nas cenas do desenho e do mito podemos perceber o momento em que a paixão está ocorrendo. No desenho, Carl, menino quieto, que fala pouco e que parece ser inseguro, sente-se atraído por Ellie, menina com características completamente opostas as dele e que demonstra ser confiante, espontânea e extrovertida. Como a demonstração desta atração vem de Carl - que é contido - e não de Ellie - extrovertida - ela é bem sutil: ele apenas suspira ao ver Ellie ir embora e se debruça sobre a janela.

É certo que houve atração entre ambos, pois, na cena seguinte, podemos vê-los se casando. Nessa cena, inclusive, mais uma vez é apontada a diferença entre as características da personalidade dos dois: é Ellie quem beija o marido após o famoso sim da cerimônia.

O filme ainda mostra que esses aspectos vão além dos personagens porque podemos notar que as características típicas de cada um, são as mesmas que notamos em suas respectivas famílias. Assim, vemos na cena que finaliza o casamento, a família de Ellie agitando-se bastante na igreja, enquanto a de Carl observa e praticamente não faz barulho.

No mito, Eros não consegue fazer o que sua mãe - Afrodite - pediu e, simplesmente ao ver Psiquê, se sente atraído por ela.

Como já dito anteriormente, a atração entre duas pessoas resulta primeiramente em paixão, para depois poder se transformar em amor - dá-se pela projeção do animus, no caso de Ellie e Psiquê, e da anima, no caso de Carl e Eros.

Da mesma forma, aspectos da sombra também são projetados durante a paixão. É válido lembrar que, na sombra, não existem apenas aspectos negativos, ruins e não aceitos pela sociedade, também existem aspectos positivos que, por algum motivo, foram reprimidos (Galiás, 2005). No caso do desenho, por exemplo, podemos pensar que Carl projetava em Ellie características suas, como a espontaneidade e a segurança, que estavam reprimidas em sua sombra. Isso fez com que ele a visse da maneira como a vida deveria ser: segura, agitada, com características totalmente opostas as dele. Isso

ocorre porque, como já vimos anteriormente, a psique tende a separar os opostos. Então, se um oposto faz parte da persona, como a insegurança, por exemplo, conseqüentemente o par deste oposto, a segurança, estará reprimido na sombra. O que é reprimido e o que não é, varia de acordo com o desenrolar da vida do sujeito.

No filme, isto fica claro quando vemos que a família de Carl age exatamente como ele (oposto de Ellie e sua família), ou seja, ele provavelmente aprendeu com esta família a ser desta maneira, reprimindo determinadas características, que não são necessariamente negativas.

Já no mito, não temos acesso às características da personalidade de cada personagem, o que dificulta esta comparação. Porém, podemos supor que, como a paixão entre Eros e Psiquê se desenvolveu, é certo que a projeção das sombras também aconteceu.

b) desenvolvimento do amor e as primeiras convivências

Em ambas as cenas é demonstrado o amor que os integrantes do casal sentem um pelo outro. Este sentimento surge, em ambos os casos, depois da paixão, o que significa que os casais conseguiram passar pelo momento em que as projeções caem. Assim, a partir do momento em que as projeções são retiradas, eles passam a perceber o outro como ele realmente é, e não como parte de si (da sua própria sombra) projetado no outro. Isso faz com que o sujeito tenha um maior contato entre o seu eu e o seu inconsciente, já que agora ele está apto para perceber que algumas características que ele antes projetava no outro são, na realidade, suas. Este maior contato pode ser entendido como uma ampliação da consciência já que, neste momento, conteúdos que eram inconscientes para o sujeito passam a ser conscientes, o que faz com que ele se aproxime, cada vez mais, de quem ele realmente é, evoluindo no processo de individuação (Penna, 2003).

Geralmente, a retirada das projeções faz com que os integrantes do casal se sintam desiludidos (desilusão da paixão), visto que eles percebem que não estão com quem imaginavam estar. Alguns casais resistem a esta desilusão, atingindo o amor (caso de Ellie e Carl e Eros e Psiquê). Já outros, terminam suas relações quando percebem que não estavam com quem imaginavam estar.

Para que o amor aconteça é necessário, segundo Byington (2010), que o casal vivencie um relacionamento íntimo e diário. E é esse tipo de relacionamento que fica claro no filme, nas cenas em que é possível ver o casal Ellie e Carl tendo uma rotina diária juntos (limpando a casa, indo ao parque) e de trabalharem juntos, eles também tem funções específicas como: Ellie trabalha com os animais, diretamente, e Carl trabalha com um carrinho de balões, vendendo-os ao público. Essa diferenciação demonstra que, apesar de estarem em um relacionamento em que convivem bastante tempo do dia juntos, cada um é um indivíduo único, já que cada um tem uma função.

Já no mito, não é possível ter-se tanta clareza de como se deu o dia-a-dia do casal e a rotina dos dois, dificultando o entendimento de como o amor se desenvolveu. Porém, sabendo-se que o amor vai se desenvolvendo com o tempo e com a convivência entre duas pessoas (relacionamento íntimo e diário), podemos supor que, assim como no desenho, Eros e Psiquê atravessaram a fase do apaixonamento e atingiram o amor. Além disso, se levarmos em consideração o modo como Psiquê sofre com a partida de Eros, vivenciando o luto inclusive, podemos entender que há a perda de uma pessoa amada (o que, obviamente, envolve o sentimento em questão).

Podemos inclusive pensar o momento em que Psiquê descobre que seu marido é Eros, como um momento que simboliza a queda das projeções da sombra, já que é neste momento que Psiquê descobre com quem realmente está, deixando de estar baseada apenas em suas projeções.

Obviamente, este movimento de projeções da sombra e a queda das mesmas, não é um fenômeno que acontece de um dia para o outro. É como um movimento, um processo. Então, é possível que as coisas se misturem um pouco para depois se clarifiquem. Assim, podemos entender o início da relação entre Eros e Psiquê da seguinte forma: existem as projeções das sombras um no outro, durante os primeiros momentos e dias que passam juntos. Com o convívio diário, as projeções vão caindo, mas não todas de uma só vez. Tudo acontece aos poucos. Podemos assim, entender o momento em que Psiquê vê Eros, como o momento em que todas as projeções caíram, possibilitando que ela veja literalmente quem seu marido é. Logicamente, este fenômeno acontece para os dois: tanto para o homem quanto para a mulher. Especificamente neste exemplo, podemos ver como isso aconteceu para Psiquê.

c) Situação que impede o convívio do casal, gerando sofrimento

Estas cenas representam o momento em que Ellie falece e a reação de Carl a esta vivência. A morte, apesar de ser uma certeza na vida das pessoas, é um acontecimento que traz muita dor a quem perde a pessoa querida. É um assunto que, muitas vezes, as pessoas evitam falar sobre, como se assim fossem capazes de proteger a vida. De acordo com Schliemann (2010),

quando o ser humano nasce, a única certeza que ele tem é que irá morrer. Esse tema é negado, evitado, escondido e, eventualmente, aceito, o que confirma a dificuldade do ser humano de lidar com a sua própria morte e a morte dos outros (p. 383).

Segundo Tada e Kovacs (2007), “parece que não queremos entrar em contato com a nossa própria finitude e buscamos logo retomar as nossas atividades normais” (p. 121). Isto fica claro no filme, na cena que mostra o dia seguinte da morte de Ellie: Carl acorda e age como costumava agir, realizando as tarefas que faziam parte de sua rotina.

O processo de luto, de elaboração dos sentimentos que ocorre após a perda de um ente querido, pode ser compreendido como um processo com algumas subdivisões. Existem diferentes modos de realizar estas subdivisões. Bowlby, por exemplo, dividiu o luto em quatro fases:

a fase de entorpecimento, na qual a pessoa tem, como reação imediata, o choque, sendo incapaz de aceitar a notícia da perda; a fase de anseio e busca pela pessoa perdida, quando o enlutado vivencia sentimentos da presença concreta do ente falecido, e de raiva, por não conseguir restabelecer o elo partido; a fase de desorganização e de desespero, em decorrência de o enlutado não poder reviver o morto, o que pode levar a pessoa a tornar-se deprimida ou apática, e a fase de maior ou menor grau de reorganização, quando ocorre a aceitação gradual da perda, com a percepção de que é necessário reconstruir a sua vida (Tada e Kovacs, 2007, p. 122).

É importante entender que estas fases do luto não são fixas e não ocorrem exatamente da mesma maneira para todas as pessoas.

No desenho, essas subdivisões não ficam muito claras, mas podemos percebê-las em algumas situações. Carl, após a morte de Ellie, senta-se nos degraus da igreja em

que se casaram. Esta cena pode ser compreendida como a fase do entorpecimento, já que o idoso parece estar em um estado de choque, sem saber exatamente como agir. Quanto à fase de anseio e busca pela pessoa perdida, podemos imaginar que isso está acontecendo no momento em que ele limpa a casa e dá atenção para objetos de Ellie. A fase de desespero não aparece no desenho, mas a depressão fica aparente: Carl é um idoso apático que não sai de casa e não convive com outras pessoas, não possui um grupo social do qual faça parte. De acordo com Schliemann, alguns autores identificaram diferentes áreas e sintomas relacionados ao luto. Essas áreas são: plano afetivo, comportamento, plano individual, plano cognitivo, plano físico, entre outros. Na área do plano afetivo, podemos observar “sentimentos de depressão, ansiedade, hostilidade, culpa e falta de prazer, além de grande sentimento de solidão e/ou abandono” (2010, p. 384), o que condiz com a fase da desorganização, com subsequente depressão.

Segundo Irigaray e Schneider (2007),

a pobreza, a viuvez, a institucionalização e a solidão são identificadas também como fatores de risco para o desenvolvimento da sintomatologia depressiva. As mudanças nos papéis sociais, tais como a aposentadoria, frequentemente ocasionam a diminuição da auto-estima, do ritmo das atividades e do interesse pelo dia-a-dia. A perda de pessoas próximas, como cônjuge, filhos ou amigos, também atua como fator desencadeante de sintomas depressivos (p. 20).

Importante lembrar também que, além da perda da pessoa da pessoa amada (viuvez) e da consequente solidão – já que Carl, depois do falecimento de Ellie, passa a viver sozinho – o idoso corre o risco de ser institucionalizado. Também fica visível no desenho, que o personagem deixa de trabalhar, diminuindo a quantidade de atividades para realizar durante os dias. Como disseram as autoras acima, todos estes quesitos contribuem com o desencadeamento da solidão.

Ainda sobre as fases do luto, podemos perceber no desenho, a fase de reorganização, que ocorre mais precisamente quando Carl parte para a aventura, já que este é um momento que ele passa a reconstruir sua vida. Sobre esta fase, Schliemann (2010) afirma que “quando acontece de forma positiva, permite que as pessoas que elaboraram bem seu luto possam reabilitar-se gradativamente, e abrir espaço para que novas relações possam existir e alimentar o enlutado” (p. 385). Assim, podemos concluir que Carl, com o passar dos dias, foi conseguindo, aos poucos, elaborar seu luto.

Vale dizer que o processo do luto pode ser vivido de diferentes maneiras. Pode tanto ser bem elaborado, como no caso do desenho, como pode ser mal-elaborado, patológico, adiado, inibido, antecipatório, entre outros. O luto mal-elaborado seria o que ocorre quando “a fase de reorganização não acontece de forma adequada” (Schliemann, 2010, p. 385). O luto patológico seria aquele em que o enlutado “pode desenvolver doenças físicas ou emocionais, comprometendo a sua qualidade de vida” (Schliemann, 2010, p. 386). Já o luto adiado seria aquele que aquela “situação em que o processo normal é distorcido e transferido para uma outra ocasião, (e o luto inibido) quando há uma ausência de sintomas e do processo” (Schliemann, 2010, p. 386). Por último, o luto antecipatório que seria aquele gerado pela situação em que “a pessoa que morre estava doente, (...) e o processo de luto começa antes da morte” (Schliemann, 2010, p. 386).

É importante levar em consideração que o luto precisa ser vivenciado pela pessoa, e não negado, para que possa ser elaborado e a vida continue

A necessidade de o enlutado vivenciar o seu sentimento de perda é importante para que ele possa externalizar a sua dor, o que proporciona as condições necessárias para uma boa elaboração do luto e possibilita a retomada de sua vida, ao lado das recordações da pessoa perdida, que incluem carinho e paz (Cassorla, 1998 apud Tada e Kovacs, 2007, p. 122).

Para a Psicologia Analítica, a dor, que o luto gera, pode tornar-se suportável quando for elaborada. Assim, irá transformar-se em símbolo estruturante, passando a fazer parte da totalidade do sujeito. Quando isso ocorre, “morremos para a condição de termos dores e renascemos para a condição de sermos com as dores” (Alvarenga, 2011, p. 63).

A vida e morte representam a dualidade que se complementa, do arquétipo da individuação que, como já foi dito, é aquele que faz com que o indivíduo seja impulsionado “a realizar plenamente as potencialidades inatas em direção ao seu centro íntimo (Self) e tornar-se si mesma” (Magalhães e Serbena, 2011, p.5). A morte é um acontecimento único que pode ser capaz de fazer com que alguns sentidos e propósitos para o processo de individuação surjam. As pessoas que não são capazes de aceitar essa situação (de ser mortal) são incapazes de evoluir em direção ao desenvolvimento de si mesmo.

Visto que Carl passa vários anos sem realizar suas atividades, podemos entender que ele está passando pelo processo de negação. Ele só consegue retomar sua vida a partir de sua viagem ao Paraíso das Cachoeiras, que pode ser entendida como a retomada do sonho, o que nos leva a entender que é neste momento que seu luto está sendo elaborado.

Existe outro momento no desenho, anterior à este do falecimento de Ellie, que também envolve o luto: é quando ela perde o bebê que estava esperando. Este momento pode ser entendido como luto, já que este, como já foi dito, é um processo relacionado ao “conjunto de reações que uma pessoa sente e vive frente à perda de algo ou alguém amado, e que tem repercussões na saúde física e emocional das pessoas” (Schliemann, 2010, p. 383). Apesar de o desenho não mostrar cenas relacionadas à sofrida vivência deste processo pelo casal após esta perda, é bastante provável que eles tenham passado pelas fases já citadas acima e elaborado o luto.

Já com relação ao mito, podemos notar que após Psiquê trair a confiança de seu amor, Eros vai embora, o que faz com que a princesa sofra muito. Diferentemente do caso do desenho animado, no qual a perda da pessoa amada se dá por falecimento, na história mítica isso não ocorre. Eros não morre, ele afasta-se de sua amada e é a ausência dele que traz dor à Psiquê. Este sofrimento foi vivido como um luto, já que houve perda da pessoa amada. No entanto, no texto não é possível identificar as subdivisões analisadas, pois a narração não envolve esse teor. Da falta que Psiquê sente de Eros, a narrativa parte a descrever a vingança de Vênus que, a partir de então, impõem várias tarefas esdrúxulas à princesa.

d) necessidade de realização de uma grande tarefa para recuperação deste amor

As duas cenas descritas neste tópico são pertencentes ao início e ao final, respectivamente, da aventura vivida por Carl. Ao longo desta aventura, o idoso vai passando por diversas situações que fazem com que ele retome o amor à vida.

Na primeira cena, como já foi dito, é possível perceber como a aventura começa. Depois de anos vivendo sozinho, enlutado após a morte de sua esposa, o idoso resolve partir para uma aventura. Esta idéia lhe ocorre depois ser julgado por uma agressão a um terceiro que ele comete numa situação atípica. Os juízes o consideram perigoso para a sociedade e então decidem por sua permanência num asilo. Carl não gosta da ideia e

resolve fugir. E é a partir deste momento que ele volta a ter mais contato com a própria vida. Podemos inclusive dizer que é neste momento que ele começa a elaborar seu luto. Ele deixa para trás a rotina que levou durante muitos anos mas, apesar disso, leva a casa consigo sinalizando que, embora tenha tomado uma atitude imensamente corajosa e que implicava numa reviravolta enorme em seus hábitos e costumes diários, ainda assim não estava totalmente aberto a mudanças. Ele levava ali, em seus ombros, tudo o que ainda não estava disposto a abrir mão. E assim ele segue com a casa em direção ao Paraíso das Cachoeiras, contemplando agora o sonho infantil de sua querida Ellie.

Ao longo de toda a aventura, Carl vai passando por situações (que envolvem o menino Russell e diferentes animais) que o faz entrar em contato com questões internas, transformando sua psique, seu jeito de ser. Por exemplo: em certa noite, Carl e Russell conversam em torno de uma fogueira. Neste momento, o garoto conta para o idoso uma pequena parcela do seu relacionamento familiar. O menino dá a entender que seus pais são separados, que seu pai é uma pessoa que vive em função do trabalho e não lhe dá a devida atenção, resultando em que ele seja criado pela babá. Carl demonstra se sensibilizar com a situação do menino. Demonstra certo espanto ao ouvir o que ele disse e, a partir desta cena, passa a dar mais carinho e atenção para o jovem. Detalhes do dia-a-dia deles, como este citado agora, vão fazendo com que o idoso abra espaço para que outras pessoas entrem em sua vida, o que o torna uma pessoa menos ranzinza e egoísta e, mais do que isso, fazendo com que ele volte a amar.

A cena que representa o final da aventura é bastante interessante porque nela podemos perceber a elaboração final do luto. É muito significativo o momento em que Carl, após ler o livro de Ellie, consegue abandonar as poltronas que os representavam como casal, para deixar a casa mais leve para ir cuidar do menino. Ele se desapega das coisas materiais que o ligavam à sua esposa e começa a retomar sua vida. Mesmo vazia, ele continua levando a casa nas costas mas, logo em seguida, podemos perceber que ela está servindo de meio de transporte para que Carl alcance Russell e não mais como um acessório necessário ao longo de toda a viagem. Tanto que, depois que o menino é alcançado, Carl consegue abandonar a casa que simbolizava a união do casal.

No mito podemos também perceber a necessidade da realização de tarefas/aventuras para a retomada da vida como ela era antes da perda. Assim como no filme, também estão presentes, nesses momentos, diferentes animais e seres da natureza, que ajudam a personagem a ultrapassar suas barreiras e vencer seus desafios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho foi o de refletir sobre o amor a partir de um levantamento bibliográfico baseado na Psicologia Analítica, usando o desenho animado “Up – Altas aventuras” como ilustração. Porém, ao longo da elaboração deste, fui percebendo que era plausível ir adiante. Com a leitura do material referente ao amor, deparei-me diversas vezes com o mito de Eros e Psiquê e breves interpretações sobre o mesmo. Assim, aproveitei para englobá-lo ao meu trabalho: além de realizar a revisão bibliográfica sobre o amor e utilizar o desenho para ilustrar tal sentimento, foi possível fazer também uma comparação entre a história deste desenho e a história do mito de Eros e Psiquê. Esta comparação só pôde ocorrer porque, de acordo com a teoria criada por Jung, os mitos, os contos de fada (e, no caso, também o desenho animado), os sonhos, entre outros, são formas que a nossa psique, mais especificamente o inconsciente coletivo, tem de se expressar.

O inconsciente coletivo, como já foi dito no início, é povoado por arquétipos, que são comuns a toda humanidade. Assim, se entendermos que os arquétipos são os mesmos para todos os homens em todas as épocas, podemos entender como é possível que uma história se repita, ao longo de muitos anos, mesmo que para isso, possua algumas modificações. Estas histórias se repetem nos mitos, nos contos de fada, nos sonhos e inclusive na própria vida. Segundo Gomes e Andrade (2009),

para Jung os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios; experiências típicas pelas quais passaram e ainda passam os seres humanos. E é a partir desses materiais que os poetas e sacerdotes elaboram os mitos, dando-lhes roupagens diferentes, de acordo com a época e as culturas (...). Existem mitos universais e os de cada cultura, mitos iguais para todas as épocas com novas roupagens, porque o que é arquetípico é o tema e a partir deste tema podem surgir novas formas de colocação (p. 141).

Assim como acontece com os mitos, os contos de fada também estão relacionados aos arquétipos, ou seja, também são um modo de expressão da psique. Segundo Silveira (2007),

a Dra. M. L. von Franz, depois de estudar durante vários anos os contos de fada das mais distantes proveniências, chegou à conclusão de que todos esses contos descrevem o mesmo tema, sob múltiplas

variações; o mesmo acontecimento fundamental, isto é, a busca pela totalidade psíquica (p. 111).

Foi a partir deste entendimento - de que as histórias do mito e do desenho possuem base arquetípica - que este trabalho foi desenvolvido. Para realizar a comparação entre as histórias, busquei o que havia de comum entre elas. As categorias que foram pensadas e estabelecidas, já foram analisadas acima e foi possível perceber que o que já foi teorizado sobre o amor pode ser percebido no desenho e no mito em diversas situações. Mas, neste momento, é importante irmos além do que se passa nessas histórias.

Estes acontecimentos, que foram relatados e categorizados ao longo de todo este trabalho, são elementos que não se restringem apenas a histórias contadas. Eles fazem parte de nossas vidas. Assim como os personagens do desenho e do mito passaram pelas situações já comentadas, podemos percebê-las também no nosso dia-a-dia, já que, como foram homens que as criaram, são eles também que vivem estas situações. Por exemplo: assim como no desenho e no mito o casal principal se apaixona, os seres humanos também se apaixonam, projetando suas sombras nos outros; assim como as projeções da paixão caem e o amor, às vezes, se desenvolve, com os homens também é assim; o luto vivido, originado pela perda de alguém querido, também acontece conosco. E isso tudo porque as histórias que foram utilizadas aqui neste trabalho são, na realidade, expressões da psique humana. E é esta que move o homem, que o faz ser quem é e viver o que vive.

Importante dizer que, além das categorias, comparações e análises que foram realizadas ao longo deste trabalho, foi possível encontrar algumas outras semelhanças entre as histórias. Mas, como elas não tinham relação direta com o tema principal deste trabalho, o amor, não foram aqui aprofundadas. Essas semelhanças são: existência de um personagem considerado o melhor em alguma característica específica (no caso do filme, Muntz é o melhor explorador e, no mito, Afrodite, a mais bela); questionamento desta característica (Muntz é considerado uma farsa e Afrodite deixa de ser a mais bela, após nascimento de Psiquê); e responsabilidade de determinado personagem pela união do casal principal (Muntz é um ídolo para Carl e Ellie e Afrodite pede para que seu filho vá até Psiquê).

Além destas semelhanças, foi possível perceber, ao realizar a análise mais especificamente, outros dois pontos interessantes nas duas histórias que não possuem

relação direta com o tema aqui estudado, mas que merecem reflexão: o primeiro deles é o fato de o arquétipo do herói ser ativado no momento em que Carl corre o risco de ser institucionalizado e fazer com que o idoso parta para uma aventura, seguindo em direção ao homem que foi seu herói na infância – Muntz. Podemos concluir disso, inclusive, que é o herói constelado na psique do idoso que o ajuda, aos poucos, conforme vai vivenciando a viagem, a sair do estado depressivo que estava anteriormente - quando ficava sozinho em sua casa - e a, mais do que isso, elaborar seu luto pela morte de Ellie. Sobre o herói, do ponto de vista da Psicologia Analítica, Oliveira afirma que

a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação direta e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou “imagens arquetípicas (Campbell, 2002 apud Oliveira, 2007, p. 141).

A segunda tarefa é a de que ele “deve retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (Campbell, 2002 apud Oliveira, 2007, p. 141).

Assim, podemos pensar na aventura vivida por Carl, como um momento em que ele parte rumo ao desconhecido - no desenho, o Paraíso das Cachoeiras - mas que poderia, na realidade, representar uma viagem que o personagem faz ao seu mundo íntimo, sua psique, com a conseqüente volta ao mundo externo, em que ele ensina o que aprendeu, cuidando de Russell, por exemplo.

O segundo ponto interessante é a possível interpretação simbólica dos demais personagens das duas histórias, tanto do desenho quanto do mito. Em ambas, existe a presença de variados animais: pássaro, cachorro, formigas, ovelhas, entre outros. Mas não cabe a este trabalho discorrer sobre este assunto.

Podemos concluir dizendo que, apesar de o amor ser um sentimento que atravessa a vida das pessoas, ele não é amplamente estudado cientificamente quando comparado a outros assuntos. Porém, é um tema de extrema relevância, exatamente por estar presente na vida de todos tão intensamente. Assim sendo, deveria ser um tópico melhor

aprofundado e explorado, para que, inclusive, auxiliasse o profissional de psicologia no cuidado com seus pacientes.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Maria Zélia. A paixão e seus propósitos. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Paixões. São Paulo, v. 28, n.1, p. 13-17, 2010.
- ALVARENGA, Maria Zélia. O encontro de Prometeu, Héracles e Quiron - a morte e o morrer: ritos de passagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Morte. São Paulo, v.29, n.1, p. 58-65, 2011.
- APULEIO, L. **Conto de Amor e Psique – As metamorfoses ou O asno de ouro**. [s.l.] Editora Singular, [s.d.]
- AUFRANC, Ana Lia B. A psique e o universo. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo, v. 24, p. 7-14, 2006.
- BOTTICELLI, Sandro. **O Nascimento de Vênus**. 1485. 1 pintura
- BRÊTAS, Ana Cristina P. Pesquisa qualitativa e o Método da História Oral: aspectos conceituais. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 13, n.3, set/dez., 2000.
Disponível em: <http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13_3/pdf/art10.pdf>.
Acesso em: 24 out. 2011.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. Botelho. A paixão e a sombra: uma contribuição da psicologia simbólica junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Paixões. São Paulo, v.28, n.1, p. 34-41, 2010.
- DOURLEY P., John. **Amor, Celibato e Casamento Interior**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995
- GADOTTI, Cláudia Morelli. Paixão: esse nosso pecado de cada dia. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Paixões, São Paulo, v. 28, n.1, p. 42-48, 2010.
- GALIÁS, Iraci. Do amor na saúde à saúde no amor. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Emoções. São Paulo, v. 23, p. 107-118, 2005.
- GÉRARD, François Pascal Simon. **Psique e Cupido**. 1798. 1 pintura

- GOMES, Vinícius. R. R.; ANDRADE, Solange. R. Mitos, símbolos e o arquétipo do herói. **CESUMAR**, Maringá, v.11, n. 2, jul./dez., p. 139-147, 2009.
Disponível em:
<<http://www.cesumar.com.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/view/1271/883>>. Acesso em: 12 abril 2012
- HADDAD, Gisela. **Amor e fidelidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009
- HENNIGEN, Inês. Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. **Fractal: Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.169-183, jan./abr., 2010. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a13.pdf>> Acesso em: 29 abril 2012
- IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. Prevalência de depressão em idosas participantes da Universidade para a Terceira Idade. **Revista Psiquiatria**. Rio Grande do Sul, v. 29, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n1/v29n1a08.pdf>> Acesso em: 01 maio 2012
- JUNG, C.G. **A Natureza da Psique**, Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, C.G. (1964). **O Homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Edição, 2008.
- JUNG, C. G. (1971). **Psicologia do Inconsciente**, 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. - **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Sobre Eros e Psiquê**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LIRA, Cynthia. Emoção: Moeda e desafio da análise. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Emoções. São Paulo, n. 23, p. 50-58, 2005.

- MAGALHÃES, S. S. SERBENA, C. A. Morte, sonhos e individuação. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Morte. São Paulo, v.29, n.1, p. 5-13, 2011.
- MOREIRA, Adailson. O amor e a paixão entre pessoas do mesmo sexo. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Paixões. São Paulo, v. 28, n.2, p. 49-57, 2010.
- NOGUEIRA, Salvador. **Mitologia: lendas**. São Paulo: Abril, 2011.
- OLIVEIRA, Luísa. A jornada do herói na trajetória do Batman. **Boletim de Psicologia**. São Paulo, v. 57, n. 127, p. 139-152, dez. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v57n127/v57n127a03.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2012
- PENNA, Eloísa Damasco. **Um Estudo sobre o Método de Investigação da Psique na Obra de C.G.Jung**. São Paulo, 2003. Mestrado em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PENNA, Eloísa Damasco., **As Origens da Psicoterapia**. São Paulo, 2004.
- RIBEIRO-CLARO, Paulo. A química do amor. **Boletim da sociedade portuguesa de química**. Portugal, v.100, jan. 2006. Disponível em: <http://www.spq.pt/boletim/docs/boletimSPQ_100_047_28.pdf>. Acesso em: 27 set. 2011.
- SCHLIEMANN, Ana Laura. **A arte de cuidar**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.
- SILVEIRA, Nise (1997). **Vida e Obra: Jung**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- STEIN, Murray (2000). **Jung: o Mapa da Alma – Uma Introdução**. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- TADA, I. N. C; KOVACS, M. J. Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v.27 n.1, mar., p. 120-131, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932007000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 mar. 2012.

- ULSON, Glauco. Amor, Dor e Criatividade. **Cadernos Junguianos**. São Paulo, n.6, p. 58-70, 2010.
- **UP - ALTAS AVENTURAS**. Direção de Pete Docter. Produção por Jonas Rivera/ Bob Peterson. EUA: Pixar Animation Studios, 2009. 1 DVD (96 min) NTSC, color
- VARGAS, Nairo Souza. Casamento: “união na saúde e na doença?”. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Emoções. São Paulo, v. 23, p. 119-127, 2005.